



Mário Zambujal

Crónica dos bons malandros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



Crónica dos Bons Malandros
26ª edição
Quctzal Editores Lisboa/1999

ÍNDICE

1 - A quadrilha

II - Pedro

III - Flávio

IV - Arnaldo

V - Adelaide

VI - Silvino

VII - Renato e Marlene

VIII - Adiamento

IX - Glória e morte

I A QUADRILHA

Primeiro encontro com Renato, o Pacífico, e sua quadrilha seleccionada.- Marlene, Flávio, o Doutor, Arnaldo Figurante, Pedro Justiceiro, Adelaide Magrinha e Silvino Bitoque. Onde se fala também do gaulês Lucien Obelix, que teve fugaz e desastrosa aparição no bando, e de um assalto que iria espantar o mundo

Quem

Ficaram de olhos espetados na porta como se pudessem ver quem estava do outro lado. A campainha tocara por quatro vezes, apressada e suplicante, suspendendo as conversas, o bate-bate dos talheres, até as mandíbulas inertes a meia viagem da mastigação.

“Quem é?...”

“Sou eu, o Silvino!

Era uma voz miada, fininha, um sussurro que encheu a sala, um grito segredado.

Os outros respiraram, num primeiro alívio, mas ainda na retranca: bom, era o Silvino, vá lá, mas vinha tarde e trazia fogo no rabo. Em passos de sombra, silencioso e profissional, Renato chegou à porta, abriu-a numa brusquidão sem aviso, e o solicitante, encostado por fora, derramou-se ao comprido no soalho de cera da sala de jantar.

“Onde estiveste? Que andaste a fazer?”

O grupo fitava-o numa mudez inimiga. “Peço desculpa de chegar tarde requereu, mas sabia que as coisas não ficavam assim, iam chateá-lo, armar-se em tribunal, ele a gramar o interrogatório e as fúrias temíveis de Renato, Renato, o Pacífico, chefe do bando, amigo do coração, mas juiz sem dó em assuntos de serviço.

Recostado e gordo, Flávio, o Doutor, fez então uma coisa rara: falou. Quando se dava a tão espaçado incómodo, a assembleia apurava o ouvido, sempre o mínimo de palavras para colocar a questão certa e urgente.

“Vinha alguém atrás de ti..”

Era isso, caramba: Silvino não tocara a campainha, gritara por socorro com a ponta de um dedo assustado. Ah grande animal, atraso de vida, filho de uma cabra, sabe-se lá que perigos trazia nos calcanhares, guiando a perdição ao encontro de Renato, o Pacífico, e os seus parceiros de aventuras e medos, Pedro justiceiro, Flávio, o Doutor, Adelaide Magrinha, Arnaldo Figurante e Marlene, conhecida na praça por Marlene do Renato.

Agarrado pelas bandas do casaco - preto, de jaquetão, botões dourados -, Silvino viu, colados aos seus, os olhos que eram brasas do chefe da quadrilha.

“Acabo contigo! Desta vez acabo contigo! “

Tudo levava a crer que sim. O Pacífico passara-lhe as manámulas ao pescoço e sacudia, sacudia, o pobre estrebuchando de olho revirado.

Pedro Justiceiro e Adelaide Magrinha vieram, em urgência de cento-e-quinzes, acudir ao infeliz: “Espera pá, deixa-o falar...”

Mais um bocadinho e já não falava, mesmo que o deixassem. Renato tinha destas iras quando algum se metia em sarilhos particulares, perigando todos de comer por tabela. Com certa razão, há que reconhecer. De resto, fora estes e outros assomos de que se dará breve notícia, não gostava o chefe de violências. Aqueles que o conheceram de perto hão-de recordá-lo a amainar tempestades, apartando contendores, deitando água em muitas fervuras, pedindo “calma!, calma!” - e daí que antes de ser o Pacífico, tivesse o apelido o Valium 10.

O nome de o Pacífico não o ganhara Renato, porém, com o seu espírito apaziguador, amplamente demonstrado em muita noite azeda, de troca de opiniões e de fragatadas. Tão-pouco era uma ironia aos desembaraços de gladiador quando o puxavam a meças de arena, que quando afinava, afinava mesmo, ia tudo raso. O Pacífico lhe chamavam porque odiava armas, navalhas que fossem, pistolas nem pensar - como muito bem ficou a saber Arnaldo Figurante, mestre da naifa, frecheiro do revólver, avisado e posto em sentido no acto da admissão na quadrilha: “... Mas se te apanho armado parto-te o focinho.”

Partiu mesmo. Dois dias só tinham passado, encontraram-se na rua, “vamos ali tomar um copo”, Renato enfia-lhe as mãos nos segredos do casaco, topa a fusca, manda-lhe um murro, lá vai o Arnaldo Figurante, brigão de mil vitórias, varrendo de costas o chão do bar. Ficaram os presentes pasmados e em pânico, à espera que o Figurante saltasse aos tiros, matando gente, partindo

tudo. Não seria admiração. Admiração foi vê-lo, não puxar pelo revólver mas por um grande lenço amarelo, e ficar-se, de cu no chão, a limpar o sangue do nariz.

Só raros que lhe conheciam a infância e os padecimentos poderiam entender essa estranha aversão a tudo quanto fossem armas, de algum modo ferramentas do ofício. Os outros não. Ao princípio ouviu ainda uns risinhos, alguma chacota, mas a graça morreu uma noite na tasca do Ambrósio, quando o Tomé Caga d'Alto lhe chamou maricas. Chamou uma vez, duas, Renato calado, a roda dos espectadores numa galhofa desconfiada, ai que o gajo era maricas mesmo. À terceira foi o fim. Duas horas depois estava o Pacífico no xelindró, enquanto o Tomé Caga d'Alto ingressava, horizontal e feito em papas, no banco hospitalar. Só teve alta três meses depois e tão manso vinha que perdeu o direito à alcunha.

Assim era Renato e já se vê que a sua quadrilha tinha de ser diferente das demais. “Pistolas só de alarme, facas se forem de peixe, dessas tortas que nos dão quando jantamos fino! “, gracejava. Ninguém lhe pedia explicações, mas punha-se a justificar, com a mentira de uma meia verdade, a proibição rigorosa de lâminas e gatilhos. Calando o seu medo, velho de muitos anos, o mal-estar que o tomava ao segurar uma navalha ou arma de fogo, o tremor das mãos, o novelo no estômago, uma vontade de vomitar desgraças do passado e agoiros dos dias que estavam para vir.

Dizia, apenas:

“Podemos ser caçados, é verdade, mas não é lá por andar armado, a fazer de cobói, que se fica livre de ir de cana. Ao contrário. E depois, vocês sabem como é: quando a gente tem as coisas até dá pena de não se servir delas. De repente, sem pensar, olha, vai um tirinho, o tipo bate a bota, é homicídio, apanha-se uma talhada que nunca mais acaba.”

Por estas e por outras, a quadrilha do Renato só assaltava estabelecimentos e residências onde se soubesse de antemão, de certeza certa, que não havia viva alma. Entravam e saíam, embrulhados na noite, sozinhos no mundo, mais ninguém, coisa bestial não haver mais ninguém, gente era briga, medo, sangue, gente podia chamar a morte ou a Polícia.

Tinha sido sempre assim desde que Renato formara a quadrilha, recrutando colaboradores de provadas habilitações, uns seus conhecidos, outros portadores das melhores referências. Até agora só uma decepção, por sinal um

francês, Lucien de seu nome, baptizado de Obelix por ser gordo como um pote e possuir a força de uma parelha de mulas. Aparecera com carta de recomendação do Acácio Galã, também ele chefe de quadrilha, mas com os quadros completos. Renato aceitara-o, o homem deu espectáculo, levanta isto, levanta aquilo, até a Adelaide sentada na palma de uma mão, uma só, acima da cabeça. Silvino desdenhou: “Essa é magrinha!”, o francês ofendeu-se, disse que faria o mesmo com Marlene, sessenta e quatro quilos. Disse mas não o fez, Renato vetou, era o que faltava, o traseiro de sua senhora por mãos alheias - Marlene já lá ia, mudou a agulha, sentou-se mas foi no sofá.

Estavam todos entusiasmados com o recruta, menos o Doutor. E exarou, ao ouvido de Renato, o seu voto de desconfiança: “Olha que o gajo não vale nada...” Dessa vez, no entanto, e contra o costume, o chefe não atendeu à opinião do seu mais sagaz conselheiro.

Fez mal. Na noite seguinte saíam para um assalto, a tarde passou-a Obelix de calças na mão, num vaivém entre a sala e a retrete. Mas apresentou-se aliviado, à partida. O objectivo era a tesouraria de uma repartição oficial, tinham-na debaixo de olho à espera do tempo mais prometedor: um desses períodos, aliás frequentes, de cobranças de impostos. Entraram, tudo parecia sereno e fácil, Pedro olhou o cofre e anunciou que era canja, Adelaide Magrinha foi dar uma volta a ver se havia selos de correio, nunca tinha selos de correio, por causa disso não escrevia às pessoas, Marlene e Flávio estavam lá fora nos dois carros, Renato chegou à janela e acendeu um fósforo, era o sinal do êxito pleno. De súbito, porém, o desastre: Obelix começou a tremer, rompeu num choro mansinho, daí a nada berrava, berros imensos, de altifalante, ainda por cima em francês.

Outro remédio não tiveram do que cavar à pressa, arrastando o bruto, por muita sorte não foram filados. Lucien, o fraco Hércules, gigante chorão, turista de uma noite na Lisboa do gamanço, só não foi despedido porque ele próprio, sem se despedir, entendeu sumir-se dos horizontes da quadrilha.

Entre todos os outros, os da fundação, apenas Silvino Bitoque, cinquenta quilos de manha, fornecia matéria para algumas arrelias e apreensões. Por duas vezes, duas que se soubesse, infringira uma regra básica do regulamento interno: expressamente proibido roubar por fora, isto é, sem o conhecimento, o okay e a participação dos sócios. Apanhado em falta jurara que nunca mais - “palavra de honra!, eu seja ceguinho!” -, mas como acreditar num pássaro

assim, aldrabão e sonso, gatuno entre os gatunos, tão doido por roubar que até parecia doença?...

Doença talvez não. Mas o furto tinha para Silvino qualquer coisa de sensual, de lúbrico, o prazer dos amores proscritos e ameaçados, a excitação do corpo e dos sentidos - e depois daquela moleza boa de animal saciado.

Agora ali estava, de novo, a prestar contas à justiça por ter saído da lei - não a justiça e a lei de que falavam os juizes e advogados, mas o seu próprio código, sete vezes jurado, sete vontades e sete destinos embarcados no mesmo navio pirata, comprometidos à lealdade, nas marés boas e nas de tormenta, para a vida e para a morte.

“Vinha alguém atrás de ti...”

Nem era uma pergunta. Em quatro palavras o Doutor dissera o que todos tinham por certo, faltava saber quem, porquê, onde estavam os perseguidores.

Enfiado, vencido, Silvino concluiu que não valia a pena mentir. Quis sossegar os outros, quais perseguidores, calma aí, por acaso uns vivaços tinham tentado deitar-lhe a luva, a ele, Silvino, recordista da Calçada da Glória, uma vez galgara-a com tal mecha que deixou a cascós de rolha um magote gritando “agarra, agarra”, até se voltou para trás, riu-se-lhes nas trombas, segurou as partes com as duas mãos e respondeu: “Agarra mas é aqui!” já ele ia em S. Pedro de Alcântara ainda os artolas bufavam a meio da subida, de língua de fora, até um atleta, pelo menos disseram-lhe que vinha lá um atleta, parece que olímpico, bai-bai, apanharam um bigode dos antigos.

“Vocês lembram-se, não se lembram? O Pedro que diga, ele viu tudo, estava lá em cima a gozar o prato.”

Pedro justiceiro, chamado a testemunhar, condescendeu:

“Foi mais ou menos isso. Mas hoje, pá! Queremos é saber o que se passou hoje!”

“Hoje? Ah, pois, hoje. Bem, foi a mesma coisa. Eu tinha-me descuidado um pouco, ia nas calmas, quando olhei para trás, chiça, vinham aí uns oito mânfios a acelerar direito a mim. Mandei-lhes com a merda do rádio às pernas, dei um sprint dos meus, deixei-os a milhas. “

De um salto, Renato caíra-lhe em cima outra vez: “Rádio? Que rádio? Vomita já essa história toda antes que te rache a mona!”

Silvino não queria a mona rachada. Certo que contar a história também não prometia nada de bom, mas que fazer, assim apertado, o Pacífico perdido de raiva, que pena, tão bom rapaz e tão brutamontes.

“Que rádio? Um que estava ali... Não houve nada de importante, palavra, enfim, uma tentação, foi numa casa de electrodomésticos, havia coisas cá fora, na rua, está a ver, na rua, parece de propósito para provocar uma pessoa. Passei, quando dei por mim trazia o rádio na mão, até fiquei espantado - olha o que eu tenho aqui! - mas continuei a andar, dava-me jeito, porreiro para ouvir o relato.”

Renato não tinha nada contra o futebol, mas acometeu com um ímpeto de bisonte: “O relato? Eu já te dou o relato!”

Figurante e justiceiro tentaram segurá-lo, é o seguras, empurrados um contra o outro abraçaram-se numa violência de tango antes de se estatelarem, enganchados, no soalho encerado de fresco. Marlene foi pelas boas, chamou-lhe querido, mas levou tal lambada que fez meia-volta-volver como na tropa. Adelaide Magrinha choramingava: “Ai Nossa Senhora!, ai Nossa Senhora!” e era ela quem tinha razão: só um milagre poderia safar Silvino de uma coça bárbara.

O milagre veio na voz repousada de o Doutor. “Renato, pára! Hoje não pode ser...”

Não podia, não. Coisa grave ali os reunia, ideia doida ou de génio, solene momento de decisão, glória ou morte, pachás ou miseráveis. Todos faziam falta, Silvino também, não devia o chefe expedi-lo para o estaleiro como fizera ao Tomé Caga d'Alto - “lembras-te, Renato, foram três meses de baixa”. Ficou o chefe resfolgando, mas aquietado, enquanto o delituoso, em passo leve, se raspava para a casa de banho. “Vai todo mijado!”, palpitou Arnaldo Figurante, e foi um pretexto para que se rissem, menos Marlene, magoada na cara e na alma, lagriminha luzindo - vergonha, vergonha, Renato seu homem, besta amada, consolo e tormento, bater-lhe diante da malta toda.

Aos poucos, o ambiente foi-se desanuviando. Silvino voltara, recomposto e descarado, uma festinha na cabeça de Renato - “ai, chefe, és tão mau para mim...” - depois fingindo levantar as saias de Marlene - “deixa ver, filha, deixa ver, para aguentar esse bruto é preciso ter tomates!”, uma risota, Marlene de zanga quebrada, Renato a desfazer-se da cara de pau.

Era tempo de passar a coisas práticas, Arnaldo passou: “Afinal o que é que vamos gamar? Convinha-me uma coisa em bom para depois meter férias.”

Calma, calma, Renato sem pressa, esperem aí, já lá vamos, Flávio a meter-se e a engordar a curiosidade geral: “Férias? Até dava para te reformares e viver à grande!”

Tão doce perspectiva estimulou Pedro Justiceiro a reencher os copos - “seja o que for, um brinde pelo êxito da operação!” -, calaram-se solenes e beberam, de uma só golada, até ao fim dos copos, até ao fundo da esperança, irmãos na aventura do crime e nos pavores escondidos dentro de cada um.

“Não vai ser fácil”, preveniu o Doutor, mas continuou fechado em copas, só acrescentou que valia a pena tentar, se falhassem paciência, os insucessos faziam parte do jogo, jogadores que eram.

Daí se partiu para falarem de fracassos vários, próprios e alheios, Arnaldo Figurante garantiu que, chato, chato, fora o que lhe acontecera “há uns cinco anos, vocês sabem o que é sacar um balúrdio, já tudo arrecadado e depois ter que devolver - assim: toma lá - com cara de parvo?”

Ninguém entendia como fora isso possível.

“Nessa altura andava eu com o Teófilo Careca, o Valdemar Jazebandista e o António Pezinhos, coitado, já morreu, Deus lhe tenha a alma em descanso. Apanhou um tiro no nó da gravata, não sei se estão lembrados daquela noite na Rua das Taipas, só pistolas eram mais que as mães, tudo a fazer lume, já nem se sabia quem disparava contra quem, puxavam-se gatilhos como quem puxa fumaças. Mas o Pezinhos é que marou. Era um pacholas formidável, só tinha amigos, vocês não eram da sua lidação, se fossem também estariam no funeral, um funeral grande. Houve menino que assaltou loja de florista para levar rosas e cravos, flores era mato, o caixão todo tapado, parecia um canteiro de jardim. E malta à brava, na afinação, de gravata preta, alguns de fato completo, alugado ou do casamento. Tipos a chorar como Madalenas, até dava dó, outros aos gritos querendo saber quem dera o tiro que arrefeceu o nosso querido amigo. Nunca se apurou. E só por isso é que não houve outro enterro, ai era limpinho, fatal como o destino. Mas também foi uma grande sorte os chuis não se lembrarem de aparecer, olha, havia de ser lindo, estava a fina flor - não desfazendo em vocês -, até malucos que se tinham pisgado da prisa se apresentaram lá, a dar as despedidas ao Pezinhos.

“Bom, mas o que eu estava a contar é que andávamos nós a dar uma curva, eu, o António Pezinhos, o Teófilo Careca e o Valdemar Jazebandista, seriam aí umas duas da matina, nisto pára um carro bestial, grande máquina, sai um fulano muito chique, um lorde, e pela outra porta um mulherão que só queria que vocês vissem. O Teófilo Careca, - muito delicadamente, pediu: 'Dá-me lume?' O lorde deu. 'E não nos dá mais nada?...' O sujeito ficou parado a olhar para nós, muito fixo, parecia um inspector. O Jazebandista aliviou-o da carteira, três anéis, um isqueiro de ouro, e o mangas, moita. 'E a madama? A madama também tem coisinhas bonitas...!', cumprimentou o Careca, e não foi preciso ir ter com ela, chegou-se a nós, era uma febra que só visto e tinha mais jóias que a Rainha do Sabá. Tirei-lhe os berloques, ela nem ai, nem ui, até se riu, eu a pensar que era o nervoso. Estava uma noite boa, frio nenhum, ajudei a senhora a despir o peles, era mesmo vison, e se calhar tinha outro, metemo-nos no espada e fomos deixá-lo ao Bairro da Encarnação, onde o Valdemar tinha deixado o chaço dele. Ainda passámos pela casa da Moninha, a gaja do Careca, a arquivar o agasalho e os ouros, e ela a empinar copos no Bar do japonês. Mas vocês sabem o que aconteceu? Daí a bocado andava o Brás Três-Pernas a correr Lisboa à cata do Teófilo Careca. O azar do Teófilo é esse: pergunta-se quem foi e dizem logo 'foi um tipo careca', pronto, está feito, ainda acrescentam 'atarracado, de óculos', mas já nem é preciso. Que se passava, então? Só isto: o lorde era mais gatuno que nós todos juntos, funcionava nas encolhas, era o comprador de mercadoria toda do Brás Três-Pernas e de outros manguelas, ao preço da uva mijona, já se vê. Quando o Três-Pernas apareceu aos gritos não me lixem, passem para cá essa merda toda!', que havia a gente de fazer? Levou a massa toda, as jóias, o vison, ainda quis deixar uma milena, oferecia o lorde, para uns copos, era fazer pouco, mandámos recado para meter a nota no olho da tia dele. E lá foi o Brás Três-Pernas levando tudo. Até chorei...”

Imaginaram o Figurante lavado em lágrimas, o Careca coçando-a de desespero, o Jazebandista a telefonar às miúdas “afinal já não vamos dar aquela volta amanhã”, e o Pezinhos a chamar nomes à vida, sem saber, coitado, que se estava a acabar. Coisa triste. Mas não, deviam agora pensar em tristezas e derrotas, dava azar, Renato chamara-os, iam partir outra vez, gajada valente, coração apertado, susto escondido, olhos no chefe, onde?, quando?, quanto?, desembucha, tanto mistério, promessas de tesouros mas silêncios de pouca fé.

“Então?...”

“Então, bom, vocês querem uma coisa em grande? Aguentam-se num assalto de categoria, desses que deixam o mundo espantado?”

Mais espantado que os circunstantes não podia ficar o mundo. Menos Marlene e Flávio, esses já a par do plano louco,” coisa difícil, lá isso é verdade, mas que se der certo...” Se desse certo, prometia Renato, seria o último risco, a despedida, a apoteose, o gozo e a calma até ao fim da vida, vida boa, tudo de tudo, “que nem uns senhores”.

Senhores e senhoras estavam em silêncio como meninos ouvindo contos de fadas.

“Alguém tem medo?”

“Medo? Ora essa...”

“Bom, um italiano veio falar comigo, veio mesmo de Itália, de propósito, a saber se nós estávamos dispostos.

“A quê? A quê?”

“já digo.” Antes, Renato queria deixar bem claro que não se tratava de um italiano qualquer, era um melro importante, muita categoria e muita América no papo, talvez fosse da Mafia, sim, da Mafia, quase de certeza, pinta de grandes golpes, muito grandes mesmo, internacional, um VIP, tudo do bom e do fino, pudera, apontava alto, não era um pobre diabo como eles - “desculpem, temos de reconhecer” - sempre a arriscar o canastro em assaltinhos de chacha.

“Lá fora é assim, olha, nós aqui é tudo à portuguesa, em pequenino, não temos a estaleca desse italiano, um grande senhor, parece um industrial Renato alongava-se no retracto, Arnaldo remexendo na cadeira o rabo e a impaciência, não aguentou mais: “Oh, caraças! Mas afinal o italiano quer o quê?”

Teria de aguardar mais um pouco para saber o que queria o italiano, pois Renato começara a explicar que se tratava de uma honra, honra enorme, talvez imerecida, terem sido escolhidos para assunto de tanta responsabilidade, façanha singular, jamais ousada, de que haveria de falar-se em toda a parte, nas televisões, nos jornais, nas telefonias.

Adelaide Magrinha tinha uma pergunta a fazer: “Oh Renato, tu desculpa, mas como é que esse fulano, lá tão longe, soube que a gente existe?”

“Bom... foi o Lucien.”

“O Lucien? Quem, o Obelix?!”

Ficaram todos de pé a trás.

“Pois foi o Lucien, e daí?” É verdade que o rapaz se portara mal naquela noite, acontece a todos, podia estar doente, mas tinha o seu prestígio e muito boas relações, gente graúda, até italianos de Palermo, quando lhe perguntaram se conhecia malta competente em Lisboa recomendara-os logo, a eles, Renato e sua quadrilha. Deviam estar agradecidos.

“Tá bestial. Obrigadinho, oh Obelix! Mas agora diz-nos o que vamos fazer e quanto se ganha”, suplicou Arnaldo, mas o chefe ainda molhou a goela num lento copo de água, como um conferencista que sabe o auditório em suspenso

“ Aqui têm. O que o italiano quer é isto.

Tirara do bolso um pequeno maço de fotografias coloridas e distribuiu-as em volta como se desse cartas para um jogo de sueca. “Ena pai! jóias! “

“Lindas jóias, sim senhor.”

“Olha esta, olha esta. Tem uma borboleta.”

“Repara aqui: uma cabeça de galo.”

“Serpentes. Esta tem serpentes.”

As fotos passavam de mão em mão, muito admiradas, lindas, lindas, deviam ser jóias de grande valor, agora já compreendiam que o italiano tivesse vindo de propósito.

“Quantas são?”

“ Vinte e duas. São mais, são exactamente cento e sessenta e nove, mas não vamos roubar a colecção toda. O italiano só pediu estas vinte e duas.

“Estão numa ourivesaria?”

“Não, não estão em ourivesaria nenhuma.”

“Onde, então? No prego?...” “Nem aí. Explica tu, Flávio...”

Renato recostou-se, soprando argolinhas de fumo, enquanto o Doutor se debruçava sobre a mesa, passeando pelo grupo os olhinhos escondidos atrás das lentes fumadas.

“No Museu Gulbenkian.”

“No Museu Gulbenkian?!” Pedro e Arnaldo berraram ao mesmo tempo e depois ficaram todos tão calados que podia ouvir-se o palito com que Marlene remexia no buraco de um dente.

Adelaide foi quem primeiro recuperou a fala - vocês estão doidos, não?! mas emudeceu de novo, os olhos a saltar de Renato para Flávio, de Flávio para Renato, à espera que um deles, ao menos um, dissesse “espera aí, estávamos a reinar, era só uma piada para enrascar a malta”.

De pé, braços abertos em cruz, Silvino deu conta do seu pasmo - “um museu? A gente num museu?...” -, depois arrancou o palito a Marlene e começou a mordê-lo, até que o mastigou e engoliu. “Fui eu que ouvi mal. Aposto que vocês falaram de outra coisa, não o que eu percebi”, disse Pedro, muito baixinho. “Ou então estão mal informados, porque nisso da Gulbenkian não há hipótese. Nenhuma hipótese. Perguntem ai aos gajos mais batidos, que topam as paradas todas, e eles dizem logo que tenham mas é juízo, aquilo é à prova de assalto, tem uma vigilância do escafandro, alarmes por tudo quanto é sítio, até há câmaras de filmar escondidas nas pilinhas das estátuas. Foi o que ouvi dizer...”

O que se ouviu nesse momento foi um grande grito de dor soltado por Arnaldo Figurante, e tinha toda a razão: tão apalermado estava que trocou as pontas ao cigarro, meteu o lado aceso na boca e chupou, só quem alguma vez passou por isso sabe como dói, doeu-lhe ao nível do pinote, deu três ágeis pinotes pela sala, “porra, que me queimei!”, Marlene correu à cozinha e trouxe margarina para untar, untou-o, Arnaldo praguejava com a boca barrada de margarina, “tudo por causa dessa história de malucos! Museu Gulbenkian! Até o nome custa a dizer!”, rebolou-se na carpeta, Adelaide foi abraçar-se a ele, “coitadinho, ai, coitadinho”, ficaram ainda mais indignados com o plano insensato que já tinha feito uma vítima, Arnaldo Figurante, prezado consócio.

Em súbita recuperação, a vítima limpou a boca à gravata verde-alface e fez um solene discurso pautado por duas ideias mestras: Renato e Flávio já não regulavam dos miolos e quanto a irem ao museu, o tanas!

Ouviram-se brados de “muito bem!” e “apoiado!” e passaram a falar todos ao mesmo tempo, uma agitação, “porque é que não vai lá o sacana do italiano?”, perguntava-se, “ou o francês, o gordo?”, alguém sugeriu que na mesma volta passassem pelo Banco de Portugal, já agora, de uma cajadada, Silvino achou que isso é que seria porreiro, porreiríssimo, Arnaldo desmanchou-se em gargalhadas atirando perdigotos de margarina, “já me cagaste a camisa”, protestou Pedro, e Adelaide, perdida de riso, anunciou que estava em risco de se urinar.

Com um grande murro na mesa restabeleceu o chefe a ordem e a hierarquia. Ia usar da palavra. Usou, dizendo que se não quisessem ir, paciência, não se falava mais no assunto, outros haveria que os tivessem no sítio. Falaria com o italiano, eh pá, scusa, porca miséria, a minha malta só quer

voar baixinho, procura quem tenha mais asas, arriverdecci. Ele havia de contratar gente mais rija, o que faltava aí era quem estivesse disposto a dar esse saltinho à Gulbenkian, toma lá as jóias, dá cá o bago. “Pronto, fica assim, nós depois havemos de ouvir a notícia no telejornal, hão-de falar muito nuns tipos tesos que cavaram com uma porção de peças da famosa Colecção Lalique...”

“Colecção, quê?”

“Lalique. René Lalique, francês, nascido em 1860, falecido em 1945, um génio da chamada Arte Nova...”

O Doutor aproveitava a brecha para os abater ao peso da sua erudição. “A Colecção Lalique é talvez o mais valioso conjunto de obras que está no museu, onde não faltam muitas outras preciosidades de todo o mundo. Mas por algum motivo o italiano trouxe esta encomenda de peças de Lalique, e uma relação bem precisa do que quer levar, pelo que deduzo vir a mandado de algum colecionador, milionário e nada acanhado. Talvez seja uma mulher, fascinada por aquelas jóias fabulosas, de ouro, pedrarias e uma grande variedade de outros materiais, representando borboletas, serpentes, libélulas, mochos, dragões, flores, flores espantosas, além da figura feminina presente em muitos trabalhos. Por isso se diz que a obra de Lalique é um culto à mulher e à natureza. Bom, mas não interessa...”

“Claro que não interessa! Estás para aí a gastar saliva, assim que se falou no Museu Gulbenkian acobardaram-se todos.”

Alto aí, cobardes não. Renato sabia, Renato conhecia-os, podiam ter medo, o medo óbvio de qualquer assaltante, só os loucos não teriam, assalto era isso, uma angústia e um jogo, cara ou coroa, sorte ou azar, a lei ou os fora-da-lei, xerife ou Billy the Kid, corsários ou marinha real, gangsters ou detectives, taluda ou jogo branco, fortuna ou desgraça, vitória ou derrota, coitados dos vencidos. Sempre tinham jogado esse jogo, esperava-os o perigo, levavam o medo, mas nunca Renato tivera uma ideia assim, Renato, o Pacífico, tão cauteloso, tímido mesmo, acagaçado de mexer em pistolas, agora a armar em bandido americano, de Chicago, upa, upa, jamais quadrilha alguma, mesmo da América, se atreveria a uma excursão à Gulbenkian.

“Bem, desistimos?” Flávio desdenhoso, a espicaçar brios, ora esta, o Doutor também endoidecera, aquele molezas, só livros, planos e palpites, e coisas que ninguém entendia, ópera por exemplo, e quadros, quadros desses

dos pintores, freguês de exposições, às vezes na Gulbenkian, agora feitinho para ir à Gulbenkian e trazer a exposição para casa.

Quem começava a excitar-se era Silvino: “Mas vocês têm algum plano para abarbaratar as jóias desse tal Lalique?”

“Acabou a conversa. Eles têm medo...” Era Marlene ajudando à festa, Marlene também, mas não admirava, Marlene era Renato com outra voz, o que ele dissesse ela diria, havia de ir onde ele fosse, gozar nos mesmos gozos, sofrer nas mesmas mágoas, morrer no suicídio de seu homem. Marlene nem existia, era só uma parte de Renato, a parte fêmea do seu macho, quando uma parte ria a outra também, ou choravam ambas, sempre juntas, tão juntas como na hora de fazer amor.

“Isso agora, mais devagar. A gente quer é saber as coisas. “ Silvino passava-se para o lado da aventura, Adelaide também iria, o Doutor seduzia-a falando de jóias, jóias raras e belas, vinte e duas, talvez pudesse trazer mais uma para si, a vigésima terceira, uma gargantilha de René Lalique no pescoço magro de Adelaide em dia de baile ou de festa.

Cada vez mais sós, Pedro e Arnaldo foram cedendo.

Arnaldo Figurante não queria chorar de vergonha e de desgosto ao ouvir essa notícia no telejornal - “espectacular assalto foi hoje levado a cabo na Fundação Gulbenkian, onde audaciosos larápios...” - audaciosos seriam outros, radiantes da vida, partindo da Praça de Espanha carregados de Arte Nova, e ele, Arnaldo, pobre e desonrado para sempre porque tivera cagaço.

Triste ou envergonhado não ficaria Pedro justiceiro, tão-pouco ralado de sentir medo quando era caso de o ter. Mas não quebraria as juras de lealdade, e se os outros quisessem, se fossem tão estúpidos assim, ele, Pedro, seria estúpido também, tomaria seu lugar no barco, frágil navio pirata desafiando o galeão e sua artilharia guardiã de tesouros inacessíveis, arcas cheias de Arte Nova, Coleção Lalique.

“E armas? Vamos para uma coisa dessas de mãos a abanar?”

“Vamos. Armas, não.”

Estava decidido. Assaltariam a Gulbenkian à mão desarmada, golpe de audácia como nunca se vira, nem aqui nem em parte nenhuma. E os audaciosos de que fariam os telejornais seriam eles, Renato e Flávio, Marlene e Adelaide, Pedro, Silvino e Arnaldo, quadrilha seleccionada, encontro de sete vidas depois de muito tomo e aventura.

II PEDRO

Tormentos e desforras de um rapazinho de aldeia ignorante de História Pátria, sua luta armada contra a cruel ditadura de Couve Lombarda, a fuga, o Paraíso dos Pitéus e a arte de bem trabalhar em toda a fechadura

“Chama-se Pedro, mas o seu nome de guerra, no submundo do crime, é Pedro, o justiceiro,“

Isto dizia-se no Diário de Notícias, aí à segunda vez que lhe publicou a fotografia na qualidade de procurado pela Polícia. Mas não era rigorosamente exacto. Na verdade - que não constava dos próprios arquivos da Polícia -, Pedro tornara-se o justiceiro nas lonjuras da quarta classe, mais precisamente numa emocionante manhã em que a professora, Dona Glória de seu nome mas secretamente chamada a Couve Lombarda, o requisitara para meças aos seus conhecimentos de História Pátria.

Tinha pouco por onde medir.

Instigado a confessar tudo o que sabia sobre quem fora e o que andara a fazer D. Pedro, o Cruel ou justiceiro, afirmou que mandara plantar o pinhal de Leiria, e logo se viu que este Pedro não estava a par da vida do outro.

Ignorância trágica e decisiva. Nem mesmo Dona Glória poderia imaginar o que iria suceder, naquela malfadada hora em que atirara com o D. Pedro à cabeça de um dos seus menos sábios discípulos. E muitos anos depois, a própria Polícia, mau grado tantas devassas e averiguações, não possuía nos seus dossiers a informação - importante, para melhor se compreender factos e personagens - de como o delinquente Pedro herdara o cognome do seu adversário monarca. Registara-se, isso sim, que fora expulso da escola quando andava na quarta classe, mas sem entrar em pormenores ou explicações. E não referiam, sequer, uma figura fundamental no desenrolar da acção: a Couve Lombarda,

A Couve Lombarda não perdoava escassez de sabedoria e daí que tão desrespeitosa falta de conhecimentos sobre o Cruel ou justiceiro a deixasse fular, sentenciando para tal crime a pena máxima: doze palmatoadas, doze, meia dúzia em cada mão, desferidas com o entusiasmo que a zelosa educadora sempre colocava em tal tarefa.

Pedro aguentou até à última sem que se lhe escutasse um ai. Quem o visse, e estavam a vê-lo trinta e três amedrontados parceiros, poderia pensar que achava justo a punição e se lhe entregava de boamente para expiação do seu pecado histórico.

Mentira, Tão mentira que, mal Dona Glória findou a operação de desagravo ao soberano, aconteceu uma coisa nunca vista. Ainda hoje, tantos anos passados, trinta e três testemunhas se interrogam se é verdade, ou se foi sonho, que ouviram Pedro berrar “ah, grande vaca, que te parto os cornos”, e de imediato juntar o gesto à palavra, procurar com os olhos o que estivesse mais à mão, e logo havia de ser o retracto do Marechal António Oscar de Fragoso Carmona - Presidente da República -, porque o do Prof. António de Oliveira Salazar - Presidente do Conselho - estava do outro lado do quadro negro. E então, o Marechal António Óscar de Fragoso Carmona - Presidente da República - enfiou-se, com moldura, vidro e tudo, pela cabeça de Dona Glória, e não saía, o seu corpo gordo de Dona Glória dava saltos sobre as pernas gordas de Dona

Glória, agitando, lá no alto, a cara magrinha e o bigode farfalhudo do Marechal António Oscar de Fragoso Carmona - Presidente da República, e ninguém se mexia, nem o Pedro, nem os outros trinta e três, nem o Prof. António de Oliveira Salazar - Presidente do

Conselho -, que ficara sozinho de guarda ao quadro negro.

Diga-se desde já que, por esta vez, não levaram o assunto para a política.

De qualquer modo foi a Guarda chamada e o respectivo cabo, após inteirar-se da extensão e gravidade do delito, retirou-se com o Pedro pendurado por uma orelha. Os outros trinta e três, à distância tida por conveniente, acompanharam-no no penoso trajecto: o de levar o agressor ao pai, que tremia de susto ao ver chegar o filho em tão incómoda postura.

O cabo pôs a questão com clareza: “Ou você lhe dá uma surra das grandes, ou levo-o ao posto e quem lha dá sou eu. “

Passava-se isto na curva do meio-dia, o pai, cantoneiro, andava a deitar meias solas na estrada, mas afiançou que mal despegasse do trabalho daria ao fedelho uma tarefa tão grande que nem lá no posto as tinham maiores.

E aí vai o Pedro para casa, com ordem para esperar pela segunda dose de porrada do dia.

Não esperou.

Ele a chegar, dorido e acagaçado, e a chegar também a camioneta da carreira. Foi só o tempo de entrar em casa, sacar o que lhe pareceu dinheiro bastante para um bilhete, nem mais um chavo, e quando deram por ela ia a caminho de Santarém.

Correu o pai à Guarda, numa aflição, a dar conta da fuga e da conseqüente impossibilidade de cumprir a promessa de surra exemplar e reparadora. Que havia de ser com o cinto, até o trazia na mão, enquanto com a outra segurava as calças.

O cabo riu-se: “A gente apanha-o, a gente apanha-o. Não lhe dê cuidados, senhor Manel, pode pôr o cinto, isto agora é comigo. É só telefonar para Santarém. Ainda falta uma hora para chegar a camioneta, vão lá esperá-lo, à tarde já cá temos o rapazinho...”

Em Santarém foi uma patrulha destacada para esperar a camioneta, que, naquele dia, até chegou à tabela. Mas não trazia fugitivo nenhum!

O fugitivo - na verdade pouco conhecedor da vida dos reis mas menos descuidado a tratar da sua - apeara-se duas paragens antes, no deserto da estrada, a pau com essa do telefonema para Santarém. E enquanto o aguardavam na cidade viajava já em sentido contrário, passando pelo local do crime em marcha moderada, acomodado e escondido entre vinte e sete cabras transportadas numa camioneta, cujo motorista lhe dera boleia, na santa ignorância de que se tratava de um foragido à justiça.

Viu o pai e o cabo conversando à porta do posto enquanto esperavam notícias da captura em Santarém, empurrou uma cabra a ganhar espaço para um grande manguito, desatou a rir, riu-se durante uns cinco quilómetros, depois começou a pensar que raio de vida iria ser a sua.

Entretanto, na aldeia não se falava de outra coisa. Muitas pessoas foram mesmo visitar Dona Glória, a quem o Marechal António Oscar de Fragoso Carmona - Presidente da República -, fizera dois golpes fundos na testa, além

das escoriações menores nas bochechas e no pescoço. “Que selvagem! Que valdevinos!”, clamavam mesmo as visitas de melhor porte, referindo-se - esclareça-se - ao pequeno Pedro, por outro lado elevado a herói por todas as vítimas de Dona Glória, e desde aí baptizado como o justiceiro, que não o era menos que o outro.

Pedro e as vinte e sete cabras desembarcaram em Vila Franca de Xira a meio da tarde de uma quarta-feira de Março.

E agora? - perguntou a si próprio, amarrado de angústia, olhando as ruas desconhecidas onde passava gente desconhecida, que havia de ter mais que fazer que preocupar-se com ele, Pedro, aldeãozinho de dez anos, atormentado caminheiro dos labirintos da quarta classe sob a férrea regência da Couve Lombarda.

“E agora? Tens cá família?” O homem da camioneta tinha uns olhos grandes e bondosos, Pedro sentiu vontade de contar tudo, de pedir socorro, tinha dez anos e estava só - mais só que um órfão de pai e mãe, órfão de aldeia, órfão de toda a gente.

“Não, aqui não conheço ninguém. Só em Lisboa...” Quando começou a dizer era mentira, mas depois lembrou-se que sim senhor, até conhecia, conhecia o senhor Florêncio, estabelecido no Bairro Alto com casa de comes e bebes. Só que o pai e o senhor Florêncio já não eram amigos, como o tinham sido muitos anos, desde a quarta classe deles, ainda não havia Couve Lombarda, mas a escola era a mesma, até talvez fosse a mesma palmatória.

Muito amigos, sempre. Quando o senhor Florêncio ia de visita à aldeia, aquilo eram abraços e petiscadas, e a mãe nem se zangava porque o pai chegava bêbedo, tinha desculpa, estava lá o amigo, além de que nessas noites o pai não gastava dinheiro da fêria. Pedro bem gostaria, agora, que eles ainda fossem amigos. Mas na última vez que o senhor Florêncio fora à terra estalara um arraial de pancadaria, nem era nada com o pai de Pedro, mas ele metera-se ao barulho e havia de lhe dar o vinho para se pôr contra o amigo, o de Lisboa, proprietário de estabelecimento no Bairro Alto, nem menos.

O senhor Florêncio ainda tinha, com certeza, uma cicatriz grande e feia, porque o pai de Pedro dera-lhe com uma garrafa de anis escarchado na cabeça, e partiram-se as duas, a cabeça e a garrafa, e saía o sangue e entrava o anis, era uma mistura cor-de-rosa “rosé”, como diria depois o António Carteiro, afirmando que ainda fora uma sorte porque assim não tinha infectado.

Em resumo, o senhor Florêncio voltaria para Lisboa com a cabeça branca de ligaduras e fígado envinagrado de ódios pelo ex-amigo.

“Tens gente em Lisboa? Bom, sendo assim... E tens dinheiro?... “

Pedro abanou a cabeça a dizer que não.

“E tens fome?”

Pedro, com a cabeça, disse que sim.

O motorista de olhos grandes e bondosos parecia um pouco desconfiado, mas levou-o a um tasco e comeram, e ele falou a outro motorista de outra camioneta, e foi assim que Pedro, o Justiceiro, depois de uma etapa com vinte e sete cabras, chegou a Lisboa com cinco vacas por companhia.

Companhia que, aliás, não o impediu de ir pensando na vida. E, pensando melhor, talvez fosse até uma sorte que o senhor Florêncio já não fosse amigo do pai, assim não se sentiria na obrigação de o recambiar ou de o entregar à Guarda.

Bem visto. É verdade que o senhor Florêncio, quando topou o filho do inimigo a cruzar os umbrais do Paraíso dos Pitéus - Almoços e jantares, Vinhos e Petiscos, ia tendo um badagaio. Mas lá se explicaram. No fim da conversa estava Pedro empregado para todo o serviço que se tornasse mister, a troco de comida e de um colchão, à noite, na cozinha.

Quatro anos durou aquela vida. Tinha ele catorze anos quando foi roubado ao Paraíso dos Pitéus por um cliente da casa, homem de muitas artes e ofícios, perito no arranjo de todo o género de coisas estragadas, desde rádios a autoclismos, passando por fechaduras, fogões, bicicletas, candeeiros, torneiras, louça rachada, e mesmo artigos finos, de prata e ouro, fios de pôr ao pescoço.

Pedro, o justiceiro, então já chamado, mais simplesmente Pedro Justiceiro, após ter contado o episódio dos seus reais apertos na aldeia, entrou no novo ofício como aprendiz e depressa aprendeu. “Tens vocação! Tens mesmo vocação, chiça! “, espantava-se o mestre, encantado com o pupilo, esperto e ágil de mãos, ainda mais respeitado desde o dia em que teimou, e conseguiu, consertar uma fechadura complicada que ele próprio, o mestre, entendera não ter conserto possível.

As fechaduras eram, aliás, o seu forte. De tal modo que o velho já raro lhes mexia, trabalhos desses iam logo para as mãos do rapaz, que com tão afincada prática, não parava de aumentar os seus conhecimentos no ramo.

Aprendeu de mais. Um dia a Polícia foi ao cubículo da Travessa das Águas Boas que lhes servia de oficina e levou o Pedro e o velho.

“Qual de vocês é que foi? Ou foram os dois?”

Fosse quem fosse, excursionara de madrugada a uma drogaria, ali para o Loreto, e aviara-se com dois contos, trezentos e setenta e dois mil e setecentos que estavam escondidos debaixo da lata grande da aguarrás. Serviço limpo. “Por meio de chave falsa”, dizia-se depois no relatório da Polícia e na consequente notícia nos jornais.

Daí, de palpite em palpite, vinham o Pedro e o velho a perguntas, porque duas semanas antes tinham andado às voltas com a fechadura encravada.

Pedro assustou-se ao entrar na esquadra, depois puxou pela coragem e jurou que não havia de abrir o bico. Nem a Couve Lombarda lhe metera medo, haviam de ser aqueles...

Quando viu, porém, o mestre agarrado pelos colarinhos, e que o abanavam, e lhe chamavam nomes, e lhe prometiam um enxerto de cassetete, não aguentou mais: “Fui eu!”

Com as atenuantes, e por ser estreia, apanhou catorze meses. À segunda vez já valeu quatro anos, mas, verdade se diga, a parada tinha sido de duzentos contos, além de um relógio de pulso, de senhora, que muito justamente ofereceu à senhora que lhe dava cama e agasalho. Foi isso que o perdeu. A parva andou a mostrar por todo o bairro a prenda do querido-o querido ainda fez como quando tinha dez anos, lá na sua aldeia, meteu-se na camioneta e ala que se faz tarde. Mas já tinha cadastro e retrato nos jornais, toma lá quatro anos de choça sem desconto nenhum.

Foi depois de todo este mau passadio que, uma noite, no Bar do Japonês, clube dos proscritos, finamente rasca, gravata de seda e cuspidela no chão, prostitutas, chulos e homossexuais, negócio de candonga, droga, sexo e artigo abafado, segredos de amor e juras de morte, apalpões e navalhadas, marujos de todos os mares esmiçados com meiguice ou à má fila - foi num sítio assim, o Bar do Japonês, que numa noite errante e sem fé Pedro conheceu Renato.

“Não tens hipótese, pá. Sei que és um águia em fechaduras, mas a trabalhar sozinho estás feito. Tens de te associar.”

Ao terceiro copo estava associado. Pedro Justiceiro seria um dos membros da quadrilha - em formação - de Renato, o Pacífico.

III FLÁVIO

Uma maratona de amor com a cumplicidade dos Beatles e o mais que se seguiu de belo e de pungente na vida de um estudante de Direito, preso de amores por Zinita, colega prendada, antes de ser preso por outro infausto motivo

Flávio, "o Doutor ", só não chegou a ser doutor sem aspas porque ingressou na penitenciária um ano antes de terminar o curso de Direito.

Uma história muito triste. O mais triste, para ele, nem fora a condenação, a vergonha, a dor dos pais, a carreira cortada. Pior que tudo isso, já de si tão amargo e desgostante, tinha sido a reacção da mulher, mal o juiz acabara de o contemplar com uma lição de moral e três anos de cadeia.

"Desgraçado! Nunca mais te quero ver e não penses sequer aproximar-te da tua filha! ", assim, desvairada e má, berrava Zinita (mimoso diminutivo que extraíra, com algum esforço, do seu nome de Josefa), condenando-o a mais negra pena do que a ferrada pelo meritíssimo.

Durante os anos, longos como vidas, que esteve preso, dia de visita acabava sempre em choro. Amanhecia na esperança de ver chegar Zinita, com a menina ao colo, ou mesmo sem a menina, e depois era o desencanto, mal minguido pela presença certa dos pais, e, nos primeiros tempos, só nos primeiros tempos, de um ou outro companheiro de infância. Zinita nunca.

Zinita nunca mais - o próprio pai, cansado de perguntas, acabou por contar-lhe que ela andava nos advogados a tratar da separação e direito exclusivo à posse da criança.

Dramático fim. Ao princípio tudo fora belo, como a própria Zinita, colega de Faculdade, companhia de dança na discoteca, namorada poucas semanas depois de chegarem à fala. Belo como os olhos, a boca, o corpo, as carícias de Zinita, tudo sorvido pela primeira vez em pleno no dia em que compraram, a meias, um long-play dos Beatles.

Os Beatles ouvidos em casa dela, ao serão, os pais deitados já, o Paul McCartney e os outros, o Lennon, o Harrison, o Ringo, muito fixos, fazendo acompanhamento aos seus beijos e abraços, Zinita de olhos húmidos, abandonada, desfeita - e estava nisto quando Flávio, bem-educado, disse: “É tarde. Os teus pais não-de querer dormir, devem achar que são horas de eu ir andando...”

Zinita, muda e quebrada, desligou molemente o gira-discos, pegou-lhe na mão, foram pelo corredor, frente à porta do quarto dos pais Zinita falou - amanhã é sábado. Telefonas-me?”, desceram as escadas até à porta da rua, Zinita abriu-a mas fechou-a com estrondo antes que Flávio saísse.

Pssst...” Tinha um dedo sobre os lábios e o nariz bicudinho . silenciando as perguntas do namorado surpreso. “Pssst...” Sentou-se no degrau, dobrada sobre os pés de Flávio, tirou-lhe docemente os sapatos, depois segurou-o pela mão, puxou-o escada a cima, ele meio parvo, sem querer ir, mas indo.

De novo o corredor, viagem de volta, Zinita fazendo o barulho dos passos calçados, Flávio no seu silêncio de peúgas e medo. “ Pssst... ”, fez ela mudamente, o que disse alto e bom som foi “ até amanhã! ”, e do fofo recato do seu leito, pai e mãe, a uma, responderam: “ Até amanhã, filha! ”

Flávio sentiu-se abraçado e empurrado com brandura para dentro de um quarto, era o quarto de Zinita - “mas tu estás doida?! “ -, ela enroscando-se, uma voz de mimo, “eu queria estar mais tempo contigo Flávio à deriva entre dois desejos, o de ficar e o de partir, foi ficando, ainda num murmúrio de recriminações, sentados ambos sobre a colcha de seda com desenhos de borboletas.

“Não te zangues, podem ouvir-nos...” Pendurou-se mais no corpo trémulo de Flávio, tomaram sobre as borboletas da colcha, de súbito Zinita deu um salto e um gritinho “ai que amarroteo o vestido!” - e acto contínuo tirou-o. Flávio queria protestar, não protestou, estava de olhos e vida parados no soberbo corpo nu - não tanto assim, tinha as calcinhas e o soutien. Deu um passo para a agarrar, Zinita recuou - “despe-te também! “ -, era uma ordem, obedeceu numa pressa cheia de ansiedade, ficou de cuecas porque tudo na vida tem os seus limites.

Grave seria também amarrotar a colcha das borboletas - lembrou ela e a tempo, acabaram por se deitar como deve ser e, já agora, também por se despir como deve ser. As coisas são como são. Ao primeiro abraço terno e nu

concordaram que era bom, assim ficaram, imóveis e maravilhados, Flávio desejou mais, pudera, mas Zinita disse não, isso não, só quando chegasse o momento próprio, o que tardou um comprido quarto de hora. Moça fogosa e de muita iniciativa, foi decidindo de outros momentos próprios, tomara o comando, punha e dispunha, programava, agora assim, agora assado, e foram seguindo à descoberta, viagem louca, a todo o pano, a volta ao mundo, Zinita ao leme.

“Estás cansado? Eu queria só mais uma vez...”

Não estava cansado, estava meio morto, mas que vergonha dizê-lo, nem disse coisa nenhuma, lá vai Zinita tomá-lo nos braços para um novo delírio de posse, respiração funda, palavras sussurradas, mesmo algumas obscenidades de que Flávio não a sabia conhecedora.

Durou a festa até madrugada bem alta, era quase manhã quando adormeceram na paz dos saciados. Acordaram ao meio-dia e não foi espontaneamente. Acordaram porque alguém dera um grito no quarto, um grito de espanto ou de cólera, então abriram os olhos e estavam os dois, o pai e a mãe de Zinita, plantados em frente da cama.

Casaram-se um mês depois. Mas, a menos que se seja rico, e não eram, a vida não pode ser assim, farra e casório. Ficou decidido que Flávio, agora com responsabilidades de família, deveria arranjar emprego e assumir por inteiro a nova situação.

Assumiu-a de muito bom agrado. Também queria ter a sua casa, estar só no mundo com Zinita, esposa amada, companheira para sempre, nos bons e maus dias, nas noites excitadas dos dias todos.

O pai, advogado, conseguiu-lhe emprego numa das empresas de que era consultor jurídico. Emprego bom, para começar. Atendendo às suas habilitações e tratando-se de um futuro doutor, acolheram-no com um ordenado razoável e deram-lhe facilidades para não se perder nos estudos.

Tempos bons, esses a seguir. Cada vez mais enamorado de Zinita, adivinhava-lhe os desejos, esmerava-se em surpresas, bebia o seu contentamento quando a levava a sítios bonitos ou chegava com ternos presentes.

Nasceu a filha, exactamente nove meses depois de terem comprado o disco dos Beatles. Tudo parecia ainda mais cor-de-rosa, Zinita estava resplandecente e feliz, a menina ia crescendo formosa e sadia, e foi então, ironia

das coisas, que Flávio começou a andar macambúzio. Aos rogos de Zinita, nenhuma resposta que não fosse um sorriso murcho - “não é nada...” - ou um “deixa-me!” agastado e definitivo.

Tinha boas razões para andar preocupado. Entrara para a empresa um novo chefe de contabilidade, achara a escrita um caos e andava desde há meses de nariz perdigueiro mergulhado nas contas. Foi caçando pequenas inexactidões que, todas somadas, acabaram por perfazer cento e dezoito contos.

Concluídas mais algumas impiedosas aritméticas, veio o jacinto, colega de secção e parceiro de mesa na hora do almoço, anunciar com o ar sorridente de quem não sabia o que estava a dizer: “Doutorzinho, chamam-te ao gabinete da administração.” O coração deu-lhe um pulo, não mais sossegou, feria-lhe o peito com saltos de corça quando encarou os administradores, todos em pé, hirtos e sombrios. “Estes senhores são da Judiciária”, lembra-se de ter ouvido, e depois foi tudo muito rápido, ou perdera o sentido do tempo, tempo em que não voltou a ver Zinita - porquê?, porquê?, perguntava-se - até ao dia em que se encontrou com o seu ódio e desprezo na sala do Tribunal.

“O Doutor passa o domingo cá em casa ou vai ao cinema?”

Lúcio Campeão, assassino encartado, coleccionador de crimes, internacional de cadeias, inclusive na Venezuela e no Gabão, tinha um sorriso de mofa na cara ossuda, a um palmo dos olhos assustados de Flávio.

“Hoje fico.”

Tentava gracejar, mas as palavras saíram-lhe trémulas. Compreendera desde o primeiro dia que a sua entrada na roda dos presidiários provocara curiosidade geral mas reacções diversas. Todos lhe chamavam o Doutor, mas Lúcio Campeão e os da sua corte faziam-no com escárnio, gozavam da sua tristeza e daquele choro soluçado que não pudera esconder, das maneiras de menino educado e das roupas finas que os pais lhe levavam. Logo que entrou quiseram saber quem diabo matara ele, ou que formidável assalto fizera, e dobraram-se de riso quando ouviram a pequenez do desfalque.

“Hoje fico.”

Lúcio Campeão cruzou os braços, espetou mais o metal dos olhos como se fossem facas e disse entredentes: “Bestial. Hoje está a apetecer-me esmurrar essa tromba.”

Viu-o afastar-se dando grandes socos, um punho de ameaça a bater na palma da outra mão, e teve medo e frio, e não sabia se era o medo ou o frio que

o faziam tremer assim, talvez o medo, porque o suor molhara-lhe a testa e corria na cara, o frio não faz suar. Teve uma grande pena de si próprio e chorou.

Algun azar, ó Doutor? Sente-se mal?"

Era um pobre homem, de nome Ferreira, que depois de cinquenta anos de caderneta limpa se envolvera à zaragata com um cunhado, engalfinharam-se no pó da travessa, murro aqui, aperto dali, nem se lembrava de o ter filado pelo pescoço, mas há horas do diabo, num ai o cunhado amoleceu e deixou de brigar, estava estupidamente morto e foi a viúva quem atirou a primeira pedra ao irmão - " assassino! veio a justiça e levou aquilo à letra.

Ferreira não tinha nada a ver com Lúcio Campeão, nem ele nem outros, os novos de primeiro mergulho, os infelizes apanhados num mau passo, mesmo os ladrõesitos assustados, de pega e foge. Estes diziam o Doutor com certo respeito, davam-lhe amizade e faziam roda a ouvi-lo. Flávio nunca fora de muitas palavras, mas ali sentia uma necessidade grande de falar, falar, quando falava era tudo menos diferente dos dias lá fora, os olhos esqueciam-se do que não podiam olhar, os ouvidos deixavam de ouvir a prisão, o corpo distraía-se da sua fome de mundo. Então ficava-se a contar longas histórias, desde a vida dos grandes homens até aos últimos filmes que vira, com Zinita ao lado, mão na mão.

Fazia-se sempre um círculo atento à volta de o Doutor e isso provocava a ira de Lúcio Campeão e seu bando, reis e senhores do castelo dos desgraçados, até chegar esse papo-seco, um merda, bandido de desfalquezinho, Al Capone de uns contos de reis a prestações.

"Sente-se mal?"

"Deixa lá, Ferreira, deixa lá. Foi esse gajo, o Lúcio, que veio implicar comigo outra vez."

Só então viu que, ao lado do Ferreira, estava o Novo. Tinha entrado na véspera mas já não era novo na casa, uma meia dúzia de vezes ali o tinham arrecadado, por meses ou anos. Era um tipo de meia estatura, forte, cabelo liso puxado para trás, um rosto muito sereno.

"Vem comigo", disse o Novo,

Levantou-se, inseguro, acompanhou-o pelo pátio da prisão, hesitou quando se viu caminhar ao encontro de Lúcio Campeão e seus vassalos.

"Onde me leva? Que vai fazer?"

"Anda daí."

Estacaram em frente do grupo surpreso e o Novo disse: “Quero apresentar a vocês este meu amigo. Se alguém o chatear é como se me atacasse a mim. Agora pergunto: sabem se há por ai algum sacana que queira fazer mal ao meu amigo?”

Durante um tempo só falaram os olhos. Depois, Lúcio Campeão passou a língua pelos lábios, coçou a cara, pôs uma das mãos num ombro de o Novo, “É teu amigo? Bom... ninguém lhe vai fazer mal nenhum. Olha, a gente às vezes brinca com ele...”

“Não brinca mais, está bem, Lúcio?”

“Pronto, se é teu amigo... ? -

O Novo segurou Flávio por um braço e caminharam de volta pelo pátio da prisão. “já podes dormir descansado. “

“Obrigado. Mas porque fez isso? Porque me chamou amigo? Nem sequer sei ainda o seu nome...”

“ Renato. “

Quando saiu da cadeia os pais levaram-no em longas voltas, Algarves e Minhos, Espanhas e França. Coitados dos velhos, doridos enfermeiros em suas batas brancas de amor, bem queriam curá-lo das mágoas do passado, sarar as feridas, recuperar-lhe a coragem e o gosto de viver. Com fracos resultados, porém.

De volta a Lisboa, aventurou-se um dia até às imediações da pastelaria onde costumava encontrar-se com amigos, discutindo e resolvendo os problemas do mundo, falando de tudo com gosto a café. Cruzou-se com alguns, passaram ligeiros, fingiram não o ver, só uma moça lhe dirigiu a palavra - “olá, Flávio, estás bom?” - e já se sumia na esquina sem mais conversa.

Sentiu uma solidão de fazer chorar, uma amargura funda, mais funda que nos dias de cárcere, então lembrou-se de Renato, companheiro de cela, seu protector e amigo de verdade.

Renato saíra antes, meses antes, e ao partir disse-lhe:

“Será bom que nunca mais me encontres, tu não és destas vidas. Mas se alguma vez precisares de mim podes procurar-me no Bar do Japonês.”

Flávio encaminhou os seus passos para o Bar do Japonês, encontrou Renato, e foi a sua primeira noite alegre desde há muito, muito tempo. Por isso voltou e foi ficando, no Bar do Japonês e na roda de Renato.

IV ARNALDO

Como se pode chegar a perigoso salteador partindo de um KO no Parque Mayer e passando pela incompreensão dos magnates do cinema. Onde aparece Rafael da Madragoa e quando chega a aparecer Ivonne de Carlo

“Levanta-te, Arnaldo! Força, pá!

“... dois... três ... quatro...”

Ouvia, misturadas e confusas, vindas de muito longe, as súplicas do treinador e o martelar frio da voz do árbitro.

“Então, Arnaldo, força rapaz! Levanta-te, levanta-te!

“cinco... seis... sete...”

Tão chatos, os dois. Tentou erguer-se mas tinha sono, era como ouvir o despertador depois de uma noite de boémia - “deixem-me estar. Só mais um bocadinho, só mais um bocadinho...” -, levantar-se custava tanto, tanto, bom era ficar assim, estendido, num outro mundo.

“Agora Arnaldo! De pé! De pé! Tu podes, Arnaldo!...”

“... oito... nove... DEZ!”

Palmas, gritos, vaias, assobios, tudo um silêncio. O silêncio de deixar de ouvir números e ordens, o árbitro e o treinador, chatos, os dois, a empurrá-lo para fora da cama depois de uma noite de boémia. “Um médico! Um médico!”, gritou alguém, depois abriram-lhe os olhos e espreitaram lá para dentro, encharcaram-lhe a cara com uma esponja molhada. “Morreu? Por favor, digam-me se ele morreu!”, era uma voz chorosa, Arnaldo pensou quem será este maricas?”, olhou e teve medo, o Rafael da Madragoa outra vez na sua frente - mais?, iria bater-lhe mais? -, mas Rafael vinha por bem, preocupado, abraçou-se a ele, fez-lhe festinhas e até disse, sem jeito nenhum: “Desculpa pá, desculpa, eu não queria aleijar...”

Estava assustado. Arnaldo quase não reconheceu o tipo que entrara no ringue, tenso e zangado, uma cara de ameaças, para meter medo ou para

esconder o seu medo. Agora, sem luvas, sem árbitro, sem gritos do público, sem luzes, sem palco, Rafael da Madragoa, despido de lutador, era apenas um rapazinho frágil, pedindo desculpas como se tivesse feito uma maldade.

“Não tem importância...”, disse Arnaldo, mastigando o sangue na boca. Quis dizer mais, quis mesmo dizer que ele, Rafael da Madragoa, era um tipo muito porreiro, e um bom pugilista, e que fazia votos que se tornasse um grande campeão, mas era um discurso longo, cada palavra tinha um sabor amargo e dorido. Só disse tudo o que pensava de Rafael da Madragoa uns anos depois, quando lhe contaram que o rapazinho do soco forte e bom coração tinha morrido lá para as Áfricas, no ringue das guerras, o único combate em que o meteram contra a sua vontade. Nessa noite Arnaldo chorou, embebedou-se e andou às voltas no bar, comunicando a conhecidos e desconhecidos: - Morreu um gajo bestial, o tipo mais teso que já se viu, uma vez deu-me uma tareia que vocês nem queiram saber!...”

Foi o quinto e último combate do boxeur Arnaldo. Chegara ao confronto com Rafael da Madragoa depois de duas vitórias, uma derrota aos pontos e um nulo, andava entusiasmado na ilusão de chegar a campeão temido e admirado, ganhando fortunas com a força dos seus punhos, as mulheres oferecendo-se-lhe, desejosas de serem apertadas nos braços de um ídolo. Recortava dos jornais as fotos dos socadores famosos, colava-as nas paredes do quarto, deitava-se a sonhar com um futuro em que teria também fotografias nos jornais e o nome em grandes letras contando as suas vitórias, empresários chegando com malas cheias de dinheiro - dólares, porque então havia de estar na América, aí é que sabiam dar o valor a um boxeur -, tipas giríssimas guerreando-se à porta, esperando que ele saísse e escolhesse: “Anda cá tu. “

Os sonhos morreram naquela noite, não tanto pela derrota, nem sequer pelo KO, mas porque Arnaldo se sentiu desajeitado e tonto, como um mau dançarino no meio da sala, o seu par era Rafael da Madragoa, mas ele deslizava no passo certo, no soco certo, na esquiva perfeita, uma dança cheia de ritmo e violência, as pessoas batiam palmas, Rafael bailando, Arnaldo o bombo da festa, nunca, nunca seria capaz de dançar assim, e não queria ser mais vezes o bombo das festas dos outros.

Abandonou a carreira aos dezoito anos incompletos. Ao tirar as luvas sentiu-se de mãos vazias, a certeza de que tudo ia voltar ao princípio, o pai a arranjar-lhe empregos e ele a perdê-los porque chegava tarde e muitos dias nem

chegava, empregos não, se havia coisas que ele não gramava era justamente os empregos. Depois havia cenas muito tristes lá em casa, o pai chamava-lhe malandro, a mãe vadio, às vezes saía sem comer para fugir às humilhações. Até que apareceu o boxe.

O boxe apareceu num dia de zaragata lá na rua. O Elias apalpou o rabo da namorada do Silvinha, a menina não podia estar calada, foi logo contar, o Silvinha vem por aí a baixo soprando pelas narinas. Começaram os dois à bulha, a malta a assistir, mas a páginas tantas já não havia assistentes, estavam todos no activo, a rua inteira na refrega, galfarros pegados de uma esquina à outra.

Arnaldo foi dos primeiros a entrar na festa, pelava-se por uma boa briga, sentia-se herói de cinema, Burt Lancaster, malhava e ria, puxava ao estilo, que pena não estarem ali gajos a filmar. Nesse dia, então, Arnaldo estava com veia, acertou um murro em cinemascópio na cara de um vilão, despachou mais dois dos seus cúmplices, sorriu para as câmaras, milhões de espectadores em todo o mundo deviam ter visto aquilo, em tecnicolor, acção e aventuras, ele o rapaz, a rapariga podia ser a Ivonne de Carlo.

Não havia milhões de espectadores mas havia um. O sujeito estava sentado sobre um caixote de sabão, à porta da Mercearia Flor do Bairro, fumando e gozando o filme, a plateia era ele, e não era um gajo qualquer como se veria a seguir.

A seguir, suspensa a acção pela chegada abrupta de dois polícias, o espectador chamou Arnaldo, rapaz da fita, convidou-o a tomar um pirolito, às tantas pergunta-lhe: “Queres ir para o boxe?”

Ficou Arnaldo sem querer acreditar. O boxe? Ele um astro do boxe? Ele, Arnaldo, pintado em grandes cartazes à porta do Parque, mostrando as luvas e os músculos, um meio sorriso de Burt Lancaster? Os jornalistas à volta? As miúdas pedindo-lhe autógrafos e mais coisas, o pai e a mãe orgulhosos, os bolsos cheios de notas?

“Eu, por mim gostava...”

“Então fala com o teu pai, se ele deixar procura-me no ginásio. “

O pai ouviu uma história cheia de promessas douradas. Durante um ano, argumentava Arnaldo, não ganharia quase nada, era a aprendizagem, a preparação. Não podia o pai metê-lo num emprego, porque tinha muito que aprender, muito que se preparar, a compensação viria depois, dinheiro à farta,

contos e contos de réis em cada três minutos de um assalto. O pai não estava muito convencido, mas teve medo de matar a galinha dos ovos de ouro, acabou por dizer que sim. Foi vê-lo no dia da estreia, nervoso como um pai, o coração a bater-lhe na quarta fila, orgulho e medo quando gritavam os nomes dos contendores - "Arnaldo Libânio, cinquenta e três quilos..." -, seiscentas pessoas de olhos cravados em Arnaldo, filho seu.

Ao outro dia o pai pagou uma rodada de cervejas na tasca do bairro, já lhe chamavam "o pai do boxeur", ele sorria, contente, "só queria que vissem, o rapaz portou-se bem, no fim o árbitro veio levantar-lhe o braço, era o vencedor, o público batendo palmas." Tinha sido uma luta de galos-da-índia, boxe pouco, mas generosa combatividade", estava ali, escarrapachado em letra de forma no jornal.

A glória foi efêmera, como todas as glórias, mas esta, com franqueza, curta de mais. Ainda deu tempo, mesmo assim, para Arnaldo se sentir no trono da sua rua, os outros adulando-o, as moças derretidas, a fazerem-se ao piso, todas queriam ser a namorada do boxeur. O boxeur não queria namoros, mas marcava-lhes encontros nocturnos, nas traseiras do mercado, elas compareciam pontuais e excitadas, Burt Lancaster e Ivonnes de Carlo, cenas de amor.

Ganho no ringue o brevet das valentias, passou a frequentar, com outros valentes, o mundo dos bares. Uma madrugada, metidos em despesas e todos na penúria, um parceiro da farra agarra-o por um braço e segreda-lhe: "Vamos ali arranjar cacau." Arnaldo ignorava como iriam arranjar cacau, mas seguiu o outro, voltaram com setecentos e trinta escudos subtraídos a um passeante solitário, abordado e posto KO à esquina da Luz Soriano com a Travessa dos Fiéis de Deus.

Arnaldo teve consciência do perigo e encolheu-se. Não queria meter-se em coisas dessas, devia zelar pela sua carreira, manter a forma e limpa a reputação. Não o viram durante semanas, só voltou após o desastre definitivo às mãos de Rafael da Madragoa. Regressou mais carrancudo e agressivo que nos dias defuntos de artista de boxe, implicando, lançando desafios, necessitando de provar que não era merda nenhum. À força de pancadaria restaurou o respeitinho, um tanto abalado pela coça pública no ringue do Parque.

Foi por essa altura que começou a perder-se nas voltas da noite, sozinho, a primeira vez a medo, depois com a frieza dos veteranos -"vou ali arranjar cacau

“ -, a espera na madrugada deserta, o assalto, a vítima tremendo, ele brutal e impiedoso como os grandes maus do cinema.

O cinema, justamente, chegou como a segunda oportunidade de se salvar dos sombrios caminhos que vinha trilhando. Leu três vezes o anúncio: “Gostaria de entrar no mundo maravilhoso do cinema? Chegou a hora de tentar: uma produção franco-portuguesa, a rodar quase inteiramente em Portugal, etc., etc.”

Não acabou a bica. Saiu disparado da leitaria, atirou-se para um táxi, heilo no meio de uns cento e vinte jovens excitados pela perspectiva de entrarem “no mundo maravilhoso do cinema”.

Haveria, talvez que prestar provas - pensou. Não tinha medo. O que tinha era pressa de saber que papel lhe reservavam, oxalá fosse como aqueles do Burt Lancaster, ágil e galante, destemido nas lutas, afortunado nos amores. Teria que perguntar quem era a atriz, fazia a sua diferença, um estilo de actuação se fosse a Ivonne, outro se lhe tocasse a Michéle Morgan. E se o escolhessem para fazer de bandido? Pedia mais dinheiro, pronto. De resto não se atrapalhava, era muito capaz de fazer um risinho cínico, à Edward G. Robinson, disparar rápido e dar duas estaladas na rapariga, com muito mais estilo que o Glenn Ford naquela fita em que foi às trombas da Rita Hayworth.

Vieram dois senhores, um francês calado e um português com voz de locutor a explicar o anúncio: precisavam de figurantes, uns quarenta, não mais, que haveriam de entrar em três cenas da produção franco-portuguesa. Agora iriam escolher os quarenta, a olho, depois seriam informados do que havia a fazer.

O ânimo de Arnaldo levou um soco mais forte que os do Rafael da Madragoa. Mas tentou confortar-se: muitos haviam principiado assim, só entravam pela porta grande os que tinham padrinhos ou eram amigos dos realizadores. Os outros começavam por baixo, como ele, Arnaldo, iria começar, figurante em três cenas, se calhar nem lhe punham o nome no programa. Não faria reclamações. O que interessava era entrar, uma vez lá dentro seriam obrigados a vê-lo, o mundo maravilhoso do cinema a pau com ele, começaria a escalada, só parava em Burt Lancaster.

O francês começou a apontar com o dedo, o português seguia-o e chamava “aquele, aquela, aquele...”, mais de cem esticados nos bicos dos pés, “aquele, aquela, aquele...”, os escolhidos iam entrando, o dedo do francês era a mão de S.

Pedro abrindo a porta do reino dos céus, aquela, aquele, aquela...”, i à ia em trinta e começou a esmorecer da fadiga o sorriso largo, à Burt, na cara de Arnaldo. Pareceu-lhe ouvir outra vez, longe, muito longe, a contagem do árbitro do boxe, “ ... sete, oito, nove...”, agora era outro tipo que passara a contar “trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito...”, Arnaldo transpirando, à beira do KO, “levanta-te Arnaldo! Força, rapaz!”, seu velho treinador incitando, empertigou-se mais, “trinta e nove o dedo do francês apontou e disparou em cheio no peito de Arnaldo: e tu!”

Fechou os olhos e respirou fundo. Ganhara o seu primeiro combate no cinema, agora não seria como no de boxe, nenhum Rafael da Madragoa o poderia socar para fora do écran.

A primeira cena com participação dos figurantes passava-se num grande salão, era uma festa de casamento, coisa chique, Arnaldo e os outros de smoking, elas de vestidos compridos. Entrava o actor principal, um francês, fazia de bandido, dava dois tiros no noivo, os figurantes estavam instruídos para gritarem de pânico, gritavam mesmo, o bandido agarrava a noiva, já então viúva, sumia-se com ela, pronto.

A cena número dois decorria num cacilheiro, tudo azul, o Tejo e o céu, ao fundo Cristo de braços abertos, num gesto de protecção ou de impossibilidade para acudir a tão numerosas desgraças. Os figurantes passeavam pelo convés ou debruçavam-se sobre a amurada, o actor principal vinha sentado à popa, guardando um baú cheio de libras de cavalinho, vira-os a sair, com o freio nos dentes, do Banco de Portugal e nem perguntou para onde iam, espera aí, fugiu com os cavalinhos para a Outra Banda.

O trabalho dos figurantes, pagos a trezentos escudos por cada dia de filmagens, terminava numa perseguição em plena Baixa, os quarenta figurantes mais dois actores franceses na caça ao actor principal. Arrancaram do Rossio, iam lançados na Rua Augusta, a PSP não fora avisada, caem dois polícias de verdade em cima do actor principal, vinha de pistola na mão, tanto pior, fizeram-no num oito, queriam levá-lo, foi um sarilho para explicar. Lá se explicou, mas teve de repetir tudo porque, no filme, o actor principal não seria apanhado pela PSP, nem naquela cena, só mais tarde, quase no fim, o detective francês faria a captura, junto à Fonte Luminosa.

Quando a fita se estreou em Lisboa, Arnaldo correu a ver-se, mas aqueles ceguetas, cambada de incompetentes, pouco partido tinham tirado da sua

presença. Na cena do casamento nem a sombra, na do Tejo apanharam-no de costas a olhar para Cacilhas. Vá lá que, na perseguição, tivera o cuidado de se colocar à cabeça e viu-se a correr direito a ele próprio, do écran para a plateia do Condes. Pouco tempo, é certo, mas muito apreciou a sua expressão enérgica, boa interpretação, sem dúvida, oxalá os patrões vissem a fita com olhos de ver.

Não devem ter visto. Esperou em vão nova chamada, agora todos o identificavam com o mundo maravilhoso do cinema, de novo admirado como nos tempos do boxe, mais ainda, fantástico como estava ali a tomar bagaços e ao mesmo tempo a correr, passada larga, no écran do Condes.

Uma noite veio a rusga, ficou o Bar do japonês cheio de polícias e ladrões, começaram a identificar a malta, um por um, quando chegou a vez de Arnaldo e lhe perguntaram a profissão respondeu, altivo, olho esquerdo semicerrado como vira ao Peter Lorre: “Figurante!”

Daí e para todo o sempre ficou a ser Arnaldo Figurante, nome temido, salteador de travessas e becos, dado aos copos e à briga com amigos e inimigos, maníaco da pistola até ao dia em que foi aceite na quadrilha de Renato, o Pacífico.

V

ADELAIDE

A noite triunfal da menina feia na Sociedade Musical e Recreativa Clarinete de Prata, Carlos, príncipe encantado, mensageiro de desditas. O Crime do Padre Amaro chega às mãos da Polícia. Encontro com Lina Despachada no seu sobe-desce da Avenida e apoquentações de um subchefe em cruzada contra o pecado O subchefe da Polícia apontou, detrás da secretária, o cano da esferográfica.

“Profissão?”

As duas mulheres trocaram olhares, a mais velha e gorda deu um passo em frente como se quisesse ir entregar a resposta em mão. Entregou, baixinho:

“Putas...”

O subchefe da Polícia fez uma careta de desagrado, abanou tristemente a cabeça e censurou:

“Então isso diz-se assim?”

A mulher, a mais velha e gorda, não compreendeu que diabo queria o subchefe da Polícia, ficou calada, a pensar, pensou que talvez não tivesse sido respeitosa o suficiente. Emendou:

“Putas, senhor subchefe.”

O subchefe da Polícia ficou em silêncio, só levantou os olhos e os braços ao céu a pedir a ajuda ao Altíssimo. Não tinha nascido para aquela vida, era homem de esmerada educação, frequência de seminário, muita teologiazinha, mas também romances policiais, às escondidas, sua paixão e seu pecado, Agatha Christie contra Nossa Senhora, Ellery Queen a puxá-lo dos braços de S. José, ele um menino que fugia do presépio, adeus seminário. Trocou a roupa negra de futuro pastor pela farda cinzenta da corporação - azul nos feriados -, o crucifixo pelo pistolão, o rosário pelo cassetete, o missal pelo livro de registo dos que iam entrando no xelindró. Foi uma opção que o fez sofrer. Longo tempo levou a sossegar a consciência, explicando a si próprio que era também uma forma de combater o pecado, havia antecedentes, a História cheia deles, o

Santo Condestável, os cruzados, e outros, tantos, o importante era estar do lado justo e bom.

Mas agora o subchefe estava cansado, havia muita fadiga e desânimo na sua voz ao recomendar à detida uma linguagem menos feia de ouvir:

“Meretrizes, queria a senhora dizer...”

“Pois sim, senhor subchefe, também pode ser isso. Meretrizes. “

“ Nomes?

A meretriz abriu a mala preta de plástico, remexeu em chaves e papéis, tirou um documento e foi depositá-lo sobre a secretária do subchefe da Polícia.

“Ora aí tem. Evelina de Sousa, mais conhecida por Lina Despachada, ao seu dispor. É uma forma de dizer, está claro. Quarenta e quatro anos feitos em Fevereiro, podia ser mãe do senhor subchefe, com o devido respeito. Aqui a minha amiga está muito aflita, o senhor subchefe há-de desculpar, a miúda é nova nisto, tem dezoito anos só. Olha, agora está a chorar, cala-te lá ó garota, não morreu ninguém. É a Adelaide, senhor subchefe, uma joinha, coitada, andava para aí aos tombos, fui eu quem lhe deu a mão, temos de ser uns para os outros.”

Voltou-se para acalmar os soluços assustados da amiga, enquanto o subchefe da Polícia, com um gesto de esferográfica, chamava um guarda de serviço. Manda entrar os queixosos.”

Tinha havido uma queixa. Dois cidadãos, pessoas de respeito, como muito bem se verificava no trajar e nos documentos exibidos, haviam solicitado à autoridade a detenção das duas mulheres “às vinte e três e trinta e cinco do dia 9 de Março, no Campo dos Mártires da Pátria, sob a acusação de lhes terem furtado, dois dias antes, 7 de Março, um alfinete de gravata e um isqueiro, tudo avaliado em seiscentos e cinquenta escudos”, assim rezava o relatório.

“Foram elas! “, afirmaram, peremptórios, os dois, sem dúvida nenhuma. O subchefe da Polícia fitou as presas e ficou à espera. Então, Lina Despachada voltou a abrir a mala preta de plástico, tirou um alfinete e um isqueiro, mostrou-os bem na mão espalmada e desafiou:

“São estes?”

Aparvalhados, os queixosos mais não fizeram do que sim com as cabeças e já a acusada se virara para o subchefe da Polícia, cada vez mais desgostado da cruzada que escolhera na vida.

“Para já, senhor subchefe, aqui a miúda não tem nada a ver com o caso. Ela nem soube que eu guardei esta porcaria. Guardei disse bem. Guardei de penhor - de penhor, ouviu - porque estes grandes filhos da puta, peço desculpa senhor subchefe, filhos de meretriz, queria eu dizer, serviram-se e não pagaram. Os grandes vigaristas! Ainda por cima umas tristezas na cama, um frete, um desconsolo, ai senhor subchefe só queria que visse. Então eu saquei-lhes isto de penhor:

têm de nos dar os sessenta paus a cada uma, mais os setenta da pensão. Se quiserem, está claro. Se não quiserem vou direitinha pedir a massa às mulheres deles, já descobri as moradas. Ai queridos, tenham paciência: vou cobrar lá a casa, eu não dê mais um passo I Ando há vinte e seis anos nesta vida e ainda não houve um filho da puta, perdão senhor subchefe, de meretriz, que se ficasse a rir da Lina Despachada. Agora vocês resolvam...”

Resolveu-se tudo. O subchefe da Policia estava cansado, desejoso de ver pela porta fora as senhoras meretrizes e os senhores caloteiros, estes pagaram a factura, receberam seus pertences, retiraram a queixa, a noite digeriu mais um pequeno drama sórdido, os homens meteram-se nos automóveis e voltaram para os lares de gente séria, as mulheres foram rua a baixo, ouviam-se as gargalhadas de uma gorda veterana de mil duelos - “pareces um palhaço!”-, as lágrimas tinham aberto sulcos na pintura de guerra da quase criança, magrinha, Adelaide de seu nome.

“Queria dizer-te uma coisa: eu não sou...”

“Não és o quê, filha?”

“Não sou isso que tu disseste. Quer dizer, meretriz...”

“Ai não? Ora essa! Então és o quê? A Baronesa da Perna Aberta? Olha esta gaja...”

Lina Despachada zangou-se. Chamou-lhe ingrata e canelas de chibo, carga de ossos, virgenzinha dos cabritos, o que encontrou de mais cruel e ofensivo. Estava quase a chorar de indignação ou de pena de si própria, não sabia bem, era uma coisa parecida com o que sentia quando os amantes a deixavam, os melhores tinham partido enojados do cheiro da sarjeta, com vergonha de ficarem, sem vergonha de a deixarem só. Lina já não podia partir, tarde de mais, não havia tréguas nem refúgio para o sobe-desce na Avenida, enterrada no seu destino de meretriz, como ensinara o senhor subchefe.

“Gosto muito de ti”, disse Adelaide.

Então ela não aguentou mais, a zanga estilhaçou-se num choro desabalado, a cabeça tombada no ombro ossudo da outra, até que Adelaide lhe levantou o rosto e sorriu: “Agora tu também pareces um palhaço!”

Passaram por um chafariz e, de súbito, sem uma palavra, ambas começaram a lavar as caras, em grandes chapinhadas de água que apagavam as pinturas de guerra, felizes como crianças brincando. “E agora? A toalha?” Não havia toalha, limpavam-se na saia rodada de Adelaide, olharam-se e riram-se, lavadas e frescas, como se as mágoas e o passado tivessem desaparecido com o rouge e o bâton, tudo afogado na água do chafariz.

“Eu quero contar-te coisas de mim, da minha vida. “

Adelaide passou o braço magro sobre os ombros de Lina, foram andando, lentas, ruas e ruas, noite fria, Adelaide contando, passavam automóveis com candidatos e fregueses, e outros a pé, elas surdas aos convites, mulher séria não tem ouvidos.

Adelaide contando:

“Há uma semana foram lá a casa e levaram o Carlos. Passaram busca, meteram tudo num saco. Tudo. O dinheiro que estava na gaveta e outro que nem eu sabia, dentro de O Crime do Padre Amaro, uma nota de conto folha a folha, quatrocentas e quarenta páginas, duzentos e vinte contos. E levaram as poucas jóias, até o meu anel de ouro, dado pelo Carlos quando fiz anos. Tudo, Lina, tudo. Apareceram em dois carros, eram seis polícias, o Carlos mais branco que uma folha de papel, eles vasculhando por todos os cantos, fiquei parva quando abriram o livro e as notas começaram a cair. Depois pegaram nos braços do Carlos e saíram com ele, os vizinhos todos à janela, parecia que estavam no cinema, eu também à janela, chorando, nem sei se eram as minhas lágrimas ou se também vi lágrimas na cara do Carlos quando olhou para mim antes de entrar no carro. “

Tinham chegado a casa de Lina, aqueceram-se com café e aguardente, Adelaide contando. Conhecera o Carlos num baile da Sociedade Musical e Recreativa Clarinete de Prata, bailes mais tristes os seus, banhos de cadeira tão amargos. A orquestra a atacar, os tangos, as valsas, os cha-cha-chás, todos numa alegria, os rapazes em magote correndo do bufete, olhando em volta, à escolha, as moças na pressa de serem escolhidas, disfarçando ansiedades ou procurando os preferidos numa chamada de olhos. O bando de rapazes quebrava-se, pássaros voando em todas as direcções -“a menina dança?” -, e elas, uma a uma,

satisfeitas, atirando-se para os braços dos machos, as mães atentas a ver quando pisavam o risco das decências.

Adelaide na sua cadeira, trono de vassala, rainhas as outras, rindo e dançando, apertando-se, cabras, num gozo de olhos fechados. Só de longe em longe, e porque sobravam os homens, lá vinha um, Adelaide num alvoroço, ele frio e desgostado como quem compra os últimos carapaus da canastra onde já todos escolheram. Adelaide encostando-se, desejosa de compensar, de pagar com prazeres a graça de um tango, de incitar a novos convites, Adelaide magra e feia, mas terna, a dar-se, eles ausentes, dançando, dançando só, com a orquestra, não com ela, Adelaide apenas bengala de caminheiros do baile.

Naquela noite apareceu o Carlos. Nunca o tinham visto ali, seria de outro bairro, talvez da Mouraria ou do Castelo, estatura meã, moreno, olhos claros como se fosse louro, fato cinzento, completo, corrente de ouro que nascia na cinta e ia esconder o relógio no bolso do colete. “Quem é? Quem é?”, perguntavam-se umas às outras, excitadas pela presença da cara nova, para mais bonita, ajeitavam os cabelos, faziam poses, as mais atrevidas sorriam-lhe de longe e mostravam as bolas dos joelhos.

A expectativa cresceu quando a orquestra - Dancing Quinteto, Janita ao piano, Teodósio contrabaixo, Camilo no saxofone, Zé António e seu acordeão, Luciano vocalista acumulando os ferrinhos - lançou para a pista os primeiros acordes da Valsa do Imperador. As moças, expostas em duas filas de cadeiras à volta da sala, ficaram aguardando o que lhes caberia em sorte, mas iam-se-lhes os olhos e a curiosidade na figura do desconhecido, marinheiro de primeira viagem à Sociedade Musical e Recreativa Clarinete de Prata, cinco escudos de quota, os bailes mais animados de toda a zona de Xabregas.

Acanhado não era ele. Ainda Camilo não gastara o primeiro fôlego no saxofone, hei-lo que avança pela sala nua, tudo suspenso no seu passo ágil, até os rapazes parados, a dar a vez, o moço caminhando, de uma ponta à outra, até dobrar-se em frente de Adelaide, e perguntar humilde, quase em súplica: “Quer dançar comigo? “

“Eu?! “ Adelaide não esperava uma daquelas, era a coisa mais bonita que alguma vez lhe acontecera, as outras morrendo de inveja, levantou-se e volteou nos braços daquele estrangeiro, príncipe encantado que vinha redimi-la de mil humilhações. Rodopiavam sós no centro do mundo, durante minutos, ou seriam horas, tempo de maravilha, todos a olhar, suspensos, esquecidos da

dança, duas filas de Adelaides em banhos de cadeira, Adelaide rainha, a mais bela de todas, a única, a eleita.

“Como se chama? “Eu, Adelaide, E você?

“Carlos.” Palavras ciciadas em volta da valsa, entre sorrisos, agora era um bolero, o braço de Carlos firmou-se mais na cinta delgada, apertou-a contra si, nem era preciso, Adelaide já lá ia, abandonada, feliz, ainda mais ao sentir na face um beijo escondido.

Quando a orquestra se calou, Carlos foi levá-la ao seu lugar, disse “muito obrigado”, sumiu-se pela porta que levava ao bufete. As outras olhavam Adelaide, surpresas e enciumadas, ela segurando um botão do vestido, fazendo-se ocupada para esconder felicidade tão grande. Voltaria? Não, por certo não, agora iria dançar com outras, foi bom mas acabou-se. Teve vontade de se levantar, pegar no casaco, ir-se embora para não ver, nunca tanto odiara a cadeira dos desprezos, aí estava a orquestra de novo, na alegria irónica de um paso-doble, Adelaide entristecendo, Carlos a chegar à sala, quem seria agora, talvez a Odete, de todas a mais bela, representante da Sociedade num concurso de misses. Odete também à espera, orgulho ferido. Mas Carlos levantou os olhos e sorriu, sorriu para Adelaide, ai Nossa

Senhora, rezou ela, Carlos perguntava-lhe, de longe, redopiando um dedo apontado para o chão, se queria dançar. Foi ao seu encontro, juntaram-se e abraçaram-se, pareciam namorados, Adelaide enamorada, via-se risonha e alegre, quase bonita, nos grandes espelhos da sala. Assim foi toda a noite, à despedida Carlos disse só que gostara muito, muito, de a conhecer, voltaria no próximo baile, sábado que vem.

Voltou e foi bom, Carlos não via mais ninguém, Adelaide só queria Carlos, nem que viessem cobertos de ouro todos os outros, que a conheciam de a ver sentada, espectadora de bailes alheios. As primeiras nuvens chegaram quando, numa pausa da orquestra, Odete e Fernandinha a chamaram, Adelaide intrigada, elas fazendo caras de mistério e de desgosto. Queriam avisá-la.

Tinham sabido, não interessava como, que aquele rapaz tão jeitoso, “calcula tu”, era uma péssima companhia, cadastrado, roubos e assaltos sem conto, quem sabe se crimes de morte, “ó Adelaide, coitada, não tens sorte nenhuma”, muito lhes custava dizerem-lhe aquilo, mas eram amigas, amigas de verdade, tinham a obrigação de a por ao corrente.

Calaram-se quando Carlos se aproximou, ele apenas estendeu a mão, o gesto de confiança conquistada, Adelaide foi, escondendo a cara no seu ombro, os olhos a quererem chorar. Andaram assim, ele estranhou-a, morta nos braços, morta por dentro - "Que tens tu?" - "Nada. Um pouco cansada, quero ir-me embora..." Iam na rua, em silêncio, de vez em quando a voz angustiada de Carlos "que tens tu?", Adelaide calada, não o queria ferir, não o queria perder.

"Já não gosto de vir aqui. Olha, na noite em que nos conhecemos era para ser a última que punha os pés nestes bailes. Palavra. Só voltei hoje porque tu disseste que vinhas. "

"E agora?"

"Podíamos encontrar-nos noutra lado. Sem gente a olhar para nós."

"Queres ir a minha casa?"

"Hoje não."

"Quando? Amanhã?"

"Talvez amanhã."

Na outra noite Adelaide tornou a dançar com Carlos, música de telefonia, na saleta do apartamento, sem cadeiras à volta e gente comentando e bisbilhotando as suas vidas para lhe roubarem Carlos, para lhe queimarem os sonhos. Voltou no dia seguinte, trazia uma maleta com a sua pouca roupa, só isso, deixara tudo o mais, mesmo o emprego, Carlos pedira, e prometera arranjar-lhe outro, mais perto de casa.

Uma tarde disse-lhe: "Preciso da tua ajuda. Tenho de ir ali acima, a uma casa, ficas no carro, se vires alguém entrar no prédio bates a porta com força. Só isso..."

Nunca tinham trocado uma palavra sobre esses assuntos, Adelaide teve medo, mas ficou orgulhosa, contente de partilhar o perigo também. E tornou a acompanhá-lo para pequenos serviços assim, sem uma explicação, ele não falava, ela não fazia perguntas, voltavam a casa com passagem pela cervejaria, Carlos bebia, sôfrego, grandes canecas, apagando incêndios dentro de si.

"Agora, Lina, já sabes o que tem sido a minha vida." Lina choramingou, "eu não te devia ter levado a deitares-te com gajos", mas fizera-o por bem, encontrara-a destruída e sem dinheiro, quisera dar-lhe a mão, outra mão mas ela não tinha para dar. "Uma tipa bestial é o que tu és", disse Adelaide, e resolveram cear, beberam muito, "vamos apanhar um pifo! ", e foi mesmo, contaram histórias e anedotas, riram-se muito até tombarem de sono, as duas

dormindo abraçadas na cama de Lina, onde só tinham abrigo os amantes, fregueses nunca.

“E agora, para onde vais?”

“Vou falar com os amigos do Carlos.”

Nos dois primeiros só viu indiferença e pressa de se descartarem, lamentavam muito, que chatice, que chatice, mas não podiam fazer nada por ela, outro deu-lhe trezentos escudos para as primeiras necessidades.

Amizade sincera só a encontrou quando bateu à porta de Renato e Marlene.

VI SILVINO

A singular precocidade de um trolha por vocação, o fui justificado pânico da família, o padrinho andaluz, a crucificação do professor de Francês, glória e morte de um Mercedes-Benz, duvidosas aventuras na América e entrada para a quadrilha, com dois votos contra e uma abstenção

Ao que constava da memória da família, o primeiro roubo de Silvino foi a chupeta do irmão gêmeo.

Passou então por inocente e poucos progressos fez durante uns meses largos e chatos, recluso que o tinham no berço ou em colos sucessivos. Até que começou a endireitar-se nas pernas e a espetar o nariz na rua do mundo.

Estava ele pelos dois anitos, sadios, graças a Deus, quando, numa tarde de Agosto, se apresentou em casa uma exaltada vizinha. Vinha pelo chapéu de palha da sua cria, petiz dado a achaques e proibido de andar sem tampa à brasa do sol. Voltara o triste ao domicílio sem o chapéu de palha, percalço explicado por testemunhas oculares e categóricas: o Silvino tinha-lho palmado!

Num alvoroço desgostoso e excessivo correm os pais, a avó, duas tias e uma prima em combinação a caminho de Silvino-mas nada nesta mão, nada naquela, dá-se a volta à casa e de chapéu roubado nem sombra. Envergonhada da calúnia, desmoronou-se a queixosa em mil desculpas rematadas com um beijo de contrição na rósea face de Silvino que sorria docemente, meneando a cabecita enfiada em dois chapéus de palha: o do outro menino por baixo do seu.

Não se pretende aqui, nem tal seria possível, dar relato completo das tropelias de Silvino na sua irrequieta infância. Apenas alguns exemplos, tais como as maldades ao irmãozinho gêmeo, um paz de alma, criança mais dócil e bondosa jamais passara pelos gargalos parturientes da família, “um santo!, é um santo!”, outro termo não encontravam nem o havia mais ajustado. Mesmo assim, muito padeceu o santo em bastas sovas que lhe aviou a mãe, julgando-o, a ímpia, caído em pecado. Como se os pecados dos santos não fossem partidas

pregadas pelos demónios! - o que mais uma vez ficou cabalmente provado num dia em que chegou com o bibe numa lástima, tão sujo, que não havia argumento com que se limpasse. Desgraçado santo, ou anjo, de qualquer modo mártir, nem soube porque diabo lhe batiam, ele a chegar tão contente da graciosa brincadeira imaginada pelo mano: trocar os bibes...

É verdade que o patifezinho lançava no ar o pânico e a consternação. Mas - também é justo dizê-lo - por vezes as consequências iam muito além dos seus intentos e compreensão. Por exemplo, no doloroso episódio dos enchidos, que até dá vergonha contar. Mas deve ser contado.

Ora os enchidos - paios, salpicões, farinheiras, chouriços de vários tipos e paladares, tudo coisas gostosas, de água na boca - tinham-nos à maneira mais castiça, dependurados na cozinha, no tecto de telha vã. Um apetite? Se era! Mas não para Silvino, um pisco, um castigo para comer. Ficava tempos e tempos, gozando a paisagem do tecto da cozinha, pelo gosto de ver, giríssimo, mais giro que os balões e outros penduricalhos no largo da vila, quando era a festa.

Foi por essa altura que uma tempestade rebentou na honesta casa onde moravam Silvino, seus pais, o irmão santo, a avó, a bisavó e a prima Cremilde. Não é sem embaraço que se narra aqui o sucedido, pois envolve matéria de muita delicadeza e intimidade. Consideremos, no entanto, que nesse tempo se desconhecia, ou não era de tão corrente uso, o que viria a dar pelo nome aliás, bem pouco sexy - de pílula anticoncepcional. E assim havemos de compreender que uma família de não muitas posses, presenteada com dois gémeos, e tendo ainda em stock uma avó, uma bisavó e uma prima, se houvesse munido de impermeáveis cauteladas. Encurtando embaraços descritivos, diga-se que o pai de Silvino franziu uma noite o pesado sobrolho ao constatar que tinham desaparecido precauções da caixinha em que as guardava, na mesa-de-cabeceira. Ó, mulher ingrata! Acode-lhe um mau pensamento, agarra a fêmea pelo gasganete, foi o cabo dos trabalhos.

Matou-a? Tanto não, vá lá. Mas deixou a desditosa amarrotada e em pranto, jurando o seu currículo de mulher honrada - e “uma mulher honrada não rouba essas coisas ao marido”, como comentava o Florival do Registo, quando, na vila se soube do acontecimento. Foram dias amargos, esses, que se prolongaram até encontrarem Silvino, o inocentinho, entretido numa cozinha de brincar que inventara no quintal, e que tinha traves como se fossem o tecto, e lá estavam, pendentes, soberbos, os óbvios enchidos: os paios, os chouriços, os

salpicões, os eteceteras - já se percebeu, não se fala mais no assunto. Nem se falará de muitos outros cometimentos do prometedor malandro, um susto de todas as horas, bem o sarrazinava a mãe de recomendações e ameaças quando levava os gémeos nas suas visitas a parentes e amigos. Pois sim. Quantas vezes, tomada de furor e de vergonha, teve de devolver objectos vários que Silvino, ardilosa criança, trazia dissimulados no bibe, nos calções, nas peúgas, uma noite até um anel entre as bochechinhas do rabo.

Como de ordinário acontece às crianças, também Silvino tinha um padrinho, no caso Alonso Gutierrez, espanhol de Málaga, trazido para a vila ainda garoto, e isso porque su madre, espanhola de Málaga e viúva em muito bom estado, se casara com o notário local, o Sr. Dr. Prazeres Moraes, homem folgazão mas de respeito, o nome com a pessoa. Alonso não chegaria longe nos estudos, cedo entrara a comerciar, artigos de madeira era o negócio, um leque vasto, desde berços e caixões passando por mesas, cadeiras e camas de casal. Como acentuava o Sr. Lucas do Rosário, contabilista e presidente da direcção do clube desportivo: “Nesta terra, é impossível nascer, viver e morrer sem que o Alonso Gutierrez ganhe algum!”

Não comungava o padrinho das crescentes preocupações da família quanto à carreira do petiz. E ria-se, em gargalhadas claras e andaluzas, das traquinices do afilhado, mira, cofio, aquilo era a sua maneira de brincar, o menino tinha muita vida, grande imaginação, e não encontrara ainda outro modo de expressar tão preciosos dotes. Entonces, que não se afligissem.

Entonces, Silvino entrara para a escola, foi logo uma razia de lápis, borrachas, tabuadas e valores de uso pessoal, tais como abafadores, fiskas, bolas de borracha, selos de D. Maria I, cromos de colecções de jogadores de futebol, inclusive os mais custosos, que eram o Bravo, do Estoril, o Correia Dias, do Porto, o Quaresma, do Belenenses, o Valente Marques, do Atlético, o Jesus Correia, do Sporting, o Xico Ferreira, do Benfica, e o Patalino, do Elvas.

O padrinho andaluz começou a não achar graça nenhuma. E então lembrou-se de que talvez fosse doença, lera uns artigos sobre cleptomania, havia de ser isso, tinham de o levar a um médico, especialista de preferência - bueno, se marcharam, padrinho e afilhado, apontados a Lisboa.

Mau grado a folha de serviços de Silvino, o especialista não encontrou sintomas de doença, como não encontrou um termómetro, a lapiseira e o bloco das receitas, logo após o juvenil paciente ter dado lugar a outro.

Entretanto, coisa estranha, lá foi saltando de classe para classe, subiu as escadas da Escola Comercial. Foi aí que se deu o lamentável incidente com o professor de Francês.

O professor de Francês era bruto. E logo à segunda aula, só porque Silvino quis brincar aos siameses pregando os dois fulanos da frente com um alfinete-de-ama, berrou-lhe em português e do mais ordinário: “Parto-te a fronha se mijas fora do penico! “

Não se diz. Mas como o disse ficou sujeito à vingança de Silvino.

Uma manhã chega-se à escola e, ó espanto dos espantos, indecifrável mistério: desaparecera a porta da casa de banho das raparigas! Foi, todo o dia, um pagode, um rebuliço. As meninas, coitadinhas, andavam apertadas sem poder fazer chichi, os galfarros gozando à bruta, os professores reunidos de emergência, destacamentos de pesquisa por tudo o que era canto, porta se a viste.

No dia seguinte a directora recebeu uma carta horrível e anónima, dizia-se de uma vizinha do professor de Francês, vira-o chegar de madrugada com uma grande porta azul debaixo do braço. Chamou a directora os professores todos, o de Francês não estava, “vamos lá!”, disseram os outros, e foram mesmo, um pelotão de professores a caminho de casa do professor de Francês.

A maltosa montara guarda sob o comando de Silvino, “onde é que eles vão?, bora também!”, guardaram as distâncias, uns vinte metros, eram mais de cem na cola dos mestres, aí uns dez. Correram estes a tocar ao portão, encostou-se a tropa toda ao muro do jardim, e logo se ouviu um gritinho, ninguém poderia mais tarde jurar que fora a voz de Silvino, nem o dedo de Silvino apontando para o canteiro das hortênsias: Olha a porta! Olha ali a sacana da porta! “

Um pasmo colectivo. Todos os olhos se estamparam de encontro à porta azul da casa de banho das raparigas, semioculta entre hortênsias no jardim do professor de Francês.

O homem veio e não percebia coisíssima nenhuma, mirado e remirado num silêncio cruel de ouvir. Silêncio cortado por um dos patifórios - seria a mesma voz? - oh sotôr, tirou a porta para ver o quê?”, e a malandragem toda na galhofa, “para ver o quê, sotôr?”, o sotôr queria ver alguma coisa?”, até que a directora, auxiliada pelo professor de Ginástica, os enxotou para o fim da rua.

O professor de Francês fez um grande escarcéu, a directora decidiu que não lhe cumpria decidir, assunto da Polícia, a Polícia tomou conta da ocorrência, o professor de Francês jurou que ia continuar com as aulas, a directora disse que sim senhor, lá por ela, e até à conclusão das investigações, o professor de Matemática lembrou que carta anónima não era prova, só é infâmia”, acrescentou a professora de físico-química, Lourenço, o contínuo, meteu-se no debate, a porta estar nas hortênsias também não queria dizer pescoço, qualquer um a poderia ter levado - mas quem, mas quem?, perguntaram todos -, isso é que Lourenço contínuo não sabia, vá lá uma pessoa adivinhar.

Voltou o professor de Francês, mas já não tinha hipóteses: os tratantes não largavam, o “sotôr queria ver o quê?”, no corredor, no pátio, na sala, dez mil vezes por dia, “queria ver alguma coisa, sotôr?”, no tableau noir aparecia escrito la porte, em grandes letras, o professor de Francês teve um ataque, partiu o tableau noir à cacetada, acudiu a directora, o professor de Francês mandou-lhe duas biqueiradas às jambes, depois tirou um tubo de comprimidos da serviette e engoliu-os todos de uma vez, levaram-no para o hospital onde foi lavado por dentro, ficou três dias a enxugar, a directora veio de visita e coxeava, o professor de Francês chorou, pediu muitas desculpas e a transferência para não menos de duzentos quilómetros de distância - no que foi atendido.

Vitória completa de Silvino? Efectivamente ficou para sempre impune o criminoso desterro do professor de Francês, mas não tardaria a hora de ser ele próprio desterrado e para mais penoso destino: o colégio interno, com recomendação expressa de rédea curta e, sempre que preciso, tarefa à descrição.

Ideia do padrinho. Ideia e bolsa, pois os pais não tinham posses para cavalarias dessas. Alonso Gutierrez, apertado por queixas constantes, sofrendo das malfeitorias do afilhado e da triste fama que lhe ia crescendo na vila, entendeu por bem o internamento didáctico. Se fosse seu filho, era o que faria, e ele gostava de Silvino como se seu filho fosse.

“ Tem de ser. Eu pago. Um colégio interno e em Lisboa! “ Alonso Gutierrez acreditava em Lisboa como no Divino Espírito Santo, Lisboa tinha remédio para todos os males, Silvino havia de salvar-se da perdição. Conduziu-o ele próprio na rota da capital e foi depositá-lo no colégio, que era velho e feio, mas tinha um nome prometedor: Preparando o Futuro.

Ainda de padrinho à vista, pagos seis meses adiantados, o director do Preparando o Futuro leu a Silvino a cartilha da casa. O céu e o inferno. Todas as venturas portando-se bem, tormentos sortidos se fizesse maldades.

Silvino mais não disse que “sim, senhor director, sim, senhor director” e muito temente ficou quanto ao futuro que lhe iam preparar.

Três meses depois, na vila, Alonso Gutierrez andava de casa em casa exibindo uma carta do colégio, papel timbrado Preparando o Futuro, o director encantado com o novo aluno, atento, dócil, exemplar. Um senão, de natureza clínica, que haveria de se resolver: andava magro e pálido, tinha horas de muita prostração e sonolência.

Não havia de ter! Internados de dia, safavam-se à noite, ele e o Quim Taco-a-Taco, veterano da casa e campeão de bilhar, título conquistado em muita soirée, da meia-noite às duas, no Café Stadiun. Salvo à segunda-feira, que era a folga para o merecido repouso, exilavam-se todas as noites, quando dormiam bem-aventurados os outros infantes, e após a última inspecção do senhor Afonso, que com alguma pressa se descartava da sua função de vigilante, pois às sete tudo tinha de estar a pé na faina de preparar o futuro.

Sumiam-se então por uma janela da lavandaria, que voltariam a fechar aí pelas três, quatro horas, conforme os encantos que lhes reservasse a noite.

Quim Taco-a-Taco tinha programas assentes. Nada mais o atraía que a glória do bilhar, cerveja e tremoços ao balcão, uma visita semanal, se possível, às meninas da senhora Fortunata Cabeluda, patroa de grande compreensão, mulher de muito mundo, descontos para estudantes e militares.

Entretanto, no bilhar e no bordel, Silvino fazia novas e preocupantes amizades. E agora uma noite, depois outra, foi ficando - Quim sozinho e triste de volta ao Preparando o Futuro. Só muito mais tarde se saberia que Silvino e mais quatro imberbes haviam então formado uma quadrilha, baptizada de Bando dos Cinco Tigres, exclusivamente dedicada ao ramo automóvel: nos primeiros tempos só o que estava lá dentro, depois também os automóveis, volantes ao cuidado do Licas Fângio. Até que chegou o dia do Mercedes-Benz.

O Mercedes-Benz tinha matrícula encarnada, CD, prometia imunidades. Estava parado três quarteirões acima da senhora Fortunata Cabeluda, vai-se experimentar, ora esta, o diplomata deixara a porta aberta. Licas Fângio na condução, aí vão os tigres, refastelados nos fofos assentos do Mercedes, fazer turismo na madrugada de Lisboa. Mas dai a nada já trazem a autoridade à

perna. “Vem aí um carro a abarrotar de chuis! “, Licas Fângio espreme-se no pedal, o Mercedes sprinta pela 1. 11 de Dezembro, sobe desvairado o Chiado, derruba dois semáforos no Camões, sacode um eléctrico para fora dos carris. Mas ainda mexe. O eléctrico fica atravessado, os polícias não passam, o Mercedes galga a Rua do Alecrim a cento e trinta, Licas Fângio aos murros no claxon, aparecem outros carros com polícias e polícias sem carros, há tigre que já chora, Silvino não, “isso que se ouviu foi um tiro? “ , pergunta o Licas, “não”, disse Silvino, “foi este gajo que se cagou. “

O Mercedes dá a volta ao Largo de São Paulo em cima de duas rodas só, grande finta, um táxi atira-se para o passeio, ele é que partiu a montra do talho, caem chispes e uma cabeça de vaca, o chófer à rasca, o Mercedes já ferve na Marginal.

“A quantos vamos, ó Licas?” - “A cento e quarenta, pá! “, foi o record. Daí a nada despista-se, vai espetar-se contra uma camioneta carregada de hortaliça, há couves e tigres derramados no asfalto, Silvino e mais dois escapulindo-se à tangente de um batalhão de polícias. Testemunhas disseram que iam tão velozes como o próprio Mercedes e supõe-se que foram parar longe.

Ao certo sabe-se que, depois de cansados meses de espera e de pesquisas, o director do Preparando o Futuro deu baixa do cliente e, nesse sentido, oficiou amargurado ao padrinho andaluz.

Amigos pessoais de Silvino Bitoque afirmam que ele esteve um ano em Palma de Maiorca e pelo menos dois nos Estados Unidos da América do Norte, onde teria posto a cabeça em água ao próprio FBI, de tal maneira que, numa série de TV, houve de saltar do episódio número vinte e sete para o número trinta e um. E isto porque no vinte e oito, no vinte e nove e no trinta o FBI andava ó tio, ó tio, à procura do Silvino, nunca o apanharam, o Silvino gozava o FBI, gozava à bruta, com um riso malandro de Bairro Alto, o que tu sabes ó FBI já a mim me esqueceu, chegara a deitar-se com uma espertalhona que era agente do FBI disfarçada de ninfomaníaca, nem menos, mas o que ela queria era informações, eu já te atendo, levava um tratamento à portuguesa, dezassete seguidas, já tinha os olhos em bico, parecia uma japonesa do FBI, era para prender o Silvino mas ela é que ficava cativa, my darling, tens aí algum?, ela dava-lho todo, depois incluía nas despesas de representação. Tudo isto era muito desagradável, o FBI teria feito questão que os episódios vinte e oito, vinte e nove e trinta não fossem transmitidos, por causa da opinião pública, a opinião

pública não havia de compreender como é que o FBI levava uma banhada tão grande do Bairro Alto, nem sabiam que havia um país chamado Bairro Alto, nunca haviam de saber, só indo lá.

Teremos de considerar que há aqui muita fantasia ou exageros próprios da amizade. Com efeito, é difícil acreditar em tão rotundo fracasso por parte do FBI, e também nessa história de ter Silvino pertencido a uma quadrilha de Chicago, especialista em assaltos a bancos. Tão especialista que, ainda segundo as mesmas fontes, lograra cinco golpes seguidos e em cheio “quinámos”, teria exclamado o chefe - e já nadavam em dólares, tantos que resolveram fundar o seu próprio banco, Silvino administrador, com gabinete forrado de veludo azul, e secretária loira, loira era o menos, o mais era o pernã, um pernã como não havia nem nos filmes, Silvino banqueiro levava as horas de expediente com uma mão na massa e a outra no pernã, viviam todos à grande e à americana, emprestavam a juros altíssimos, mais de vinte por cento, admitiam mesmo a possibilidade de abrir filiais, inclusive em Lisboa, Faro e Vila Nova de Gaia, quando, de súbito, acontecera uma coisa trágica e inesperada: viera outra quadrilha ainda mais especialista e depenara o banco de Silvino, só em depósitos a prazo trinta milhões de dólares, e nem a secretária do pernã tinham deixado.

Sem pretendermos entrar aqui em polémicas, não esconderemos aos leitores que todas estas notícias carecem de confirmação e se afiguram, pelo menos, algo fantasistas.

O que se sabe é que dois atribulados anos após o seu regresso às origens, Silvino conversava com Renato no Bar do japonês.

“Estamos seis. Aceitamos mais um. Queres entrar?”

Quis. Mas não foi fácil. Pedro e Flávio votaram contra; Adelaide absteve-se; a favor manifestaram-se Marlene e Arnaldo Figurante, além do chefe, Foi o sétimo e último a entrar para a quadrilha, anulada que seria a inscrição de um oitavo membro, Obelix, gaulês mas chorão, de quem, aliás, voltariam a ter notícias.

VII

RENATO E MARLENE

Linhas paralelas que não tardaram a encontrar-se porque a vida não é assim tão geométrica, Previnem-se os leitores mais impressionáveis que neste capítulo há muitas desgraças, mas não se trata de invenção. - as desgraças acontecem mesmo. Onde muito se conta de Renato e de Marlene e suas infâncias de andarilhos, à margem do mundo mesmo antes de chegarem a marginais

Tinha apenas seis anos quando aquilo aconteceu, mas a cena estava mais nítida na sua memória que as coisas que tinham sucedido ontem. Só esquecera que terra cruzavam então, na sua rota de nómadas, porque as feiras eram todas iguais, as terras iguais nos dias de feira. Chegavam com a sua carroça de bugigangas e brinquedos para meninos pobres, carteiras e cintos de plástico, espelhos com emblemas de clubes e retratos de artistas, colares de contas de vidro, molduras em forma de coração, jarras e pratos de barro, gaitas, tambores, cornetas de lata, bonecas de olhos pintados de azul, carrocinhas puxadas por bois de madeira.

“Outra vez! Outra vez!”

“Estou cansada, pai...”

“Depois descansas. Salta outra vez!”

Maria Luísa fazia muita força nas mãos pequeninas para se agarrar à barra do trapézio, depois era bom, quase um balouço de crianças, mas já a mãe gritava atenção, toma atenção! “, e largava o outro trapézio, os dois dançando - “agora! “ -, o corpito ágil voando solto até se dependurar na outra barra, mas às vezes não, saltava atrasada e o trapézio já lá ia, fugindo-lhe, as mãozinhas agarravam-se no vazio e ela cabriolava no ar para cair de costas na rede.

“Outra vez! Outra vez!”

Tinham sido milhares de vezes antes do grande salto, da menina filha de acrobatas para acrobata ela própria, e do nome de Maria Luísa para o de

Marlene. Explicara-lhe o pai que ninguém ia ao circo para ver uma Maria Luísa voadora. Marlene tinha mais estilo.

Da terra, não, não conseguia lembrar-se. Mas lembrava-se de tudo o mais que gostaria de esquecer, até a cara do homem que falava alto e dizia graçolas para que se rissem os do grupo que andava com ele. Tinham parado em frente da tenda, Renato cá fora entretido a brincar com os seus seis anos, o pai sentado ao fundo, a mãe aviando fregueses. Do outro lado da casa de pano branco o tio Joaquim soprava as brasas do fogareiro, assando peixes para o jantar.

O homem grande dobrara-se para dentro da tenda estendendo as mãos ao peito de Margarida e dissera para gáudio dos outros alarves: “Olhem bem para este par de tetas!”

Renato ouvia ainda os gritos zangados da mãe e o pai na sua paz de fraco: “Façam favor, sigam o seu caminho.” O homem grande rira-se dele - “cá o cabranote, por acaso, é delicado!” - depois empurrara-o com toda a força fazendo-o cair de costas sobre as jarras, que se quebraram num barulho de prejuízos.

Quando Maria Luísa deu o lugar a Marlene tiveram de riscar do cartaz Fred e Zaira, os Voadores Loucos. Quem deu o melhor alvitre para o novo nome foi o Professor Kalentaf, natural de Vila Real de Santo António, que lembrou, e bem, que, tratando-se de uma família completa navegando nos ares, deveria chamar-se-lhe “A Família do Espaço”.

Não foi sem alguma pena que Alfredo e Zulmira viram desfazer-se o duo, afamado em tudo quanto era vila ou cidade de Portugal, e em Espanha não menos. Mas agora eram três, a menina também artista no Circo Internacional, internacional mesmo, animais e tudo, até leões e um urso amestrado, pois sim, mas as palmas mais quentes e as emoções mais fundas sempre tinham sido para eles, Fred e Zaira, Alfredo e Zulmira, ele alentejano de Amareleja, ela minhota de Vila Nova de Famalicão, mas voando incógnitos, mascarados de mistério.

As pessoas pensariam que Fred havia de ser americano e a parceira árabe, qual quê, tinham-se conhecido no encontro de dois circos pobres, ele ainda. Alfredo, ela apenas Zulmira, foram ao cinema na hora da matiné, à noite trabalharam fazendo acrobacias cada um em seus trapézios, pela meia-noite juntaram-se para fazer outras, nus e ao luar, num descampado que lhes soube a jardim, a mais bela pista em que já tinham actuado.

Voaram juntos até ao paraíso.

Aí mesmo se casaram, as alianças eram beijos, noivo e noiva vestidos de igual, como tinham vindo ao mundo, e assim se rebaptizaram de Fred e Zaira, os Voadores Loucos. Muito tempo voou e eles voando loucos, até que Marlene saiu do ninho com as suas próprias asas e ficou “A Família do Espaço”.

Marlene também no espaço, amparada por mil olhos, os das crianças da sua idade e os dos pais das crianças, todos sofrendo de medo, ai a menina, ai a menina, a menina no céu do circo, gente assustada rezando por ela.

Era tão garoto ainda, mas tudo ficara impresso na sua memória como se fossem retratos poupados pelo tempo. E mais ainda o desse instante em que se levantou o pano branco da tenda e assomou a cara do tio Joaquim, um instante só, hei-lo voando sobre os brinquedos, Renato ouviu os tambores a rufar, as cornetas de lata tocando a Carga da Brigada Ligeira - ninguém mais ligeiro que o tio Joaquim, herói de sonhos infantis, D'Artagnan de feira em feira, a faca em vez da espada, jaqueta aberta mais bela que a capa dos mosqueteiros, ah, grande tio Joaquim, todo ele navalha e tomates, deus amado de um sobrinheiro de nome Renato.

“Toma, vai comprar um chocolate.” Maria Luísa sabia o que era o seu chocolate, tinha sempre um chocolate quando Alfredo e Zulmira queriam estar só para fazer amor e faziam-no muitas vezes antes do jantar.

Maria Luísa dizia até logo, cá fora era Marlene, pessoas paravam olhando a pequenina trapezista a comer chocolate, às vezes voltava cedo de mais, mas não entrava, ficava ali perto, à espera que a roulotte serenasse, quando a roulotte balouçava sobre as molas era porque ainda não tinham acabado.

Marlene só não entendia como podiam gostar mais disso que de chocolate.

Esquecera por completo, ou talvez nem tivesse chegado a saber, em que terra tinha acontecido, mas, fosse onde fosse, o largo da feira tinha ficado empapado de sangue. Vira-o ele, Renato, os olhos assustados dos seus seis anos tirando fotografias. Até essa do homem grande levando a mão ao bolso e puxar da navalha - tarde de mais, tarde de mais, o tio Joaquim empunhava já a lâmina da condenação, cravou-lha na barriga, dois dedos acima da gaita, foi puxando devagarinho, muito devagarinho, o homem grande tombou, vermelho e aberto como uma melancia a que tivessem tirado uma talhada.

Quando a filha teve o sarampo, Fred e Zaira voltaram a ser os Voadores Loucos, mas já não era como dantes, faltavam asas aos seus voos de pássaros tristes e cansados. O dono do circo baixou-lhes a paga a dois terços mas não era

essa a causa de tanta tristeza. Nem essa nem a que Marlene imaginou uma tarde, na roulotte, cheia de febre, de pintas vermelhas e de necessidade de perguntar: “Pai, queres que eu vá comprar um chocolate?”

Eram cinco ou seis os companheiros do homem grande e morto, de facas nas mãos, fazendo um círculo de vingança em torno do tio Joaquim. E nisto o pai, brando tendeiro, nunca tão amado, admirado pela primeira vez, espantando os olhos ávidos de Renato com um grande salto para o meio da refrega. Se o tio era D'Artagnan, o pai seria, pelo menos, Aramis, acudindo na hora certa, armado de uma guitarra de brincar e com ela desferindo grandes, enormes espadeiradas, as cordas da guitarrinha musicando cada embate nas cabeças dos inimigos.

Esfagueado nas costas, no peito, nos braços, o pai de Renato e sua guitarra de espadachim continuaram a rodopiar no meio do círculo até caírem na terra do largo da feira.

A mãe era a mulher mais linda que Maria Luísa jamais vira e havia de ver em toda a sua vida. Por isso muitos homens iam ao circo só para ver Zaira e cobiçar o seu corpo, e mesmo entre os do circo havia alguns que a lambiam com os olhos gulosos. Fred não era nenhum Fred, era Alfredo, pelinho na venta quando lhe cortejavam a fêmea. Daí algumas cenazinhas de ciúmes, mas a maior foi a daquela noite. Começaram a discutir na roulotte, a questão subiu com eles aos trapézios, um dize-tu-direi-eu entre voos e acrobacias, Marlene desorientada, o público em baixo de olhos neles, Zaira pendurada pelas mãos de Fred - “e se te largasse agora, porca?”

Não largou, disparou-a para outro trapézio, agora cruzavam, - se gritando insultos, a seguir Fred no duplo mortal., Zaira a lançar o trapézio no momento exacto, outra volta, duas, as mãos encontrando-se com o socorro, Zaira gritando “estúpida!, estúpida que eu sou! “, música e aplausos, os três atirando lá de cima largos sorrisos de mentira. O número continuava, os voos, outra vez, Fred e Zaira em cólera, saltos e ameaças lá na abóbada do circo, Marlene quase a chorar.

Espectadores gritaram de pânico quando Zaira escorregou ao passar de um trapézio a outro, por pouco caía, Fred deu uma gargalhada, Marlene agarrou a corda e começou a descer, os pais pararam surpresos, os espectadores a zero, Marlene descendo no silêncio, até à pista, fez vénias em redor e fugiu dali.

Fred e Zaira retiraram-se também, veio depois o director ao microfone pedir desculpa e explicar, a jovem artista sentira-se mal, continuar seria perigo de morte. Então as pessoas emocionaram-se, aplaudiram muito, Marlene teve de voltar à pista e fazer mais vénias, enquanto Alfredo e Zulmira choravam lá dentro, trocando beijos e fazendo as pazes.

Não sabia se o pai estava morto mas apostava que os outros iam morrer, o tio Joaquim luzia na faca e nos olhos, estripava-os a todos, cinco ou seis. Foram só dois, os outros não porque chegou a Guarda, deram-lhe voz de prisão, ele parou e ficou a olhar para a navalha, por fim atirou-a ao chão com toda a fúria.

Lá o levaram, com três mortes às costas, para o encerrarem por muitos anos, tantos que não podia esperar, e por isso matou mais um, pendurando-se com uma corda feita da manta que lhe deram para dormir, dormiu definitivamente, quando voltaram estava roxo e deitava a língua de fora como um catraio malcriado fazendo pouco dos outros.

Vinha devagarinho mordiscando o chocolate para dar tempo a que Fred e Zaira saboreassem o seu, a roulotte dançando. Foi quando ouviu o grito do outro lado da feira, na rua branca das tendas. Marlene correu, como toda a feira ia correndo, furou o anel da multidão que se formara já, mais gente que no circo, e havia uma arena e homens esfaqueados afogando-se no seu próprio sangue, e outro que os guardas levavam preso, gente gritando e um rapazinho que soluçava como se tivesse dentro dele todas as lágrimas do mundo. Marlene calculou que teria aí uns seis anos, ela nove, sentiu-se de repente mulher e mãe, foi abraçá-lo, deu-lhe a mão e puxou-o para fora do círculo.

Limpou-lhe as lágrimas e obrigou-o a comer do seu chocolate.

No hospital disseram a Margarida que muitos meses teriam de passar antes que o marido sarasse. Voltou à feira, agarrou em Renato e foi de tenda em tenda, na rua branca, a informar que queria desfazer-se de tudo. Os feirantes vieram e levaram as coisas, as quinquilharias, os brinquedos, os barros, e pagavam mais do que Margarida pedia, e davam brinquedos a Renato, ele próprio pediu para ficar com um: uma guitarrinha de cordas partidas.

Renato viu a mãe chorar na gratidão e nas despedidas, tomou o caminho do Circo Internacional, encontrou a menina trapezista à porta da roulotte, ficou muito embaraçado e por fim disse: “Vou-me embora. Para casa da minha avó. “

Marlene passou o braço sobre os ombros do menino, levou-o à barraca das faturas, comeram uma roda inteira, com duas laranjadas, e ela deu-lhe um beijinho de despedida.

“A Claudine tem lugar para mim. Podia passar a dormir lá...”

Claudine era francesa, amestrava cães e, ao que se murmurava, também homens. Mas Fred e Zaira nunca tinham ouvido tais murmúrios, disseram que não porque não. Lembraram-se, entretanto, de que talvez a filha estivesse enjoada de chocolates. De qualquer modo a rapariga já estava crescida, a roulotte era pequena, enfim, na verdade seria bom, há tantos anos não tinham as noites só para eles, e à vontade, “eu acho a Claudine boa pessoa”, disse Zaira, “ótima moça!”, reforçou Fred.

Mudou-se Marlene para a roulotte de Claudine, só dez metros distante, e em noites sem sono sentava-se à porta e ficava a admirar como a casa dos Voadores Loucos dançava sobre os pneus.

“Vamos ao cinema. Queres ir? É uma fita bestial!”

“Não posso. Tenho de fazer um recado para a minha avó.”

Recado nenhum.

“Emprestas-me os teus Texas Jack?”

“Não empresto nada. Porque é que não compras?”

Renato afastava-se sem responder.

Uma semana foi três vezes ao cinema, comprou rebuçados e revistas com bonecos e aventuras. A avó quis saber donde lhe vinha a fortuna. “Achei cinquenta escudos.” Achara-os em cima do balcão da mercearia quando foi comprar dez tostões de vinagre.

Claudine pediu-lhe que fosse dar um passeio, tinha de tratar de negócios. Marlene ainda viu entrar o dono do circo e ficou muito espantada porque não sabia que a roulotte de Claudine também dançava. À noite Claudine ria-se muito e mostrou uma grande nota, “amanhã vamos fazer compras”, foram, gastaram a nota e continuaram a fazer compras, Claudine meteu no bolso de Marlene um frasco de perfume e escondeu uma camisola dentro da sombrinha. Marlene estava cheia de medo, mas na outra semana também foi fazer compras, levou pouco dinheiro e comprou muitas coisas.

Nem mesmo quando o pai morreu pudera chorar. Pensou que tinha gasto todas as lágrimas sete anos atrás, as últimas limpava-as uma menina acrobata -

onde andaria? Mas agora Renato chorava outra vez como nesse dia, a malta à volta dele, “não tiveste culpa, pá”, a cara molhada de choro.

Tinham ido aos pássaros com uma Flobert, o pai do Luisinho era rico, tão rico que lhe oferecera uma Flobert, e o Luisinho autorizava, generoso: cada um deles podia dar um tiro, um só, pum, já está. Quando chegou a vez de Renato apontou a um pardal, todo ele era concentração, um olho fechado, outro no pardal, o dedo impaciente. Nisto, nem sabia explicar como, um azar do carago, escorrega, desequilibra-se, cai, dispara, enfia o chumbo no cu do Luisinho.

Atirou a Flobert ao chão, raivosamente, como vira o tio Joaquim fazer à navalha no dia em que matara meio mundo.

Zulmira, antiga Zaira, olhava cá de baixo, na sua cadeira de inválida, as deambulações aéreas de Fred e Marlene, os Voadores Loucos. Era quase como no princípio, quando os Loucos, eram Fred e Zaira, e Marlene ficava a vê-los, sentada na sua cadeirinha de criança.

Desfeita e sem esperança estava, sim, “A Família do Espaço”, Zaira morrera tombando na pista, noite de horror, Fred e Marlene gritando no alto, gente desmaiando nas bancadas do circo.

Zaira caíra ouvindo aplausos, findos os voos, cada um balouçando e sorrindo em seu trapézio, a dor na cabeça, uma vertigem, a queda, a pista crescendo até desaparecer tudo. Ficara Zulmira, meia Zulmira, metade morta.

Agora Zulmira via Marlene no cartaz com Fred, Voadores Loucos e voando com Fred no lugar de Zaira.

Os' olhos verdes de Zulmira acarinhavam a filha, Maria Luísa, mas os restos de Zaira odiavam Marlene.

A furgoneta pintada de muitas cores vinha enchendo a rua de música e a voz do homem que gritava pelo altifalante: “Esta noite! Grande Circo Internacional! Feras e animais amestrados! O famoso ilusionista Professor Kalentaf! Fred e Marlene, os Voadores Loucos!”

Renato começou a tremer, de súbito tinha frio, e medo, não percebia aquele medo, medo de quê, talvez da feira, oito anos contados sem pôr os pés numa feira, agora a feira vinha ter com ele, a procurá-lo na sua rua, e trazia os acrobatas, Marlene sim, lembrava-se dela, gostaria de ver a menina, gostaria muito, e ainda mais se fossem comer farturas e ela lhe desse um beijinho.

“Foi bom? Conta Claudine ria, segurando-lhe as mãos, Marlene de olhos baixos e fogo nas faces.

“Não contas?”

“Conta tu primeiro.”

Claudine contou, tintim por tintim. “E vocês?”

“Passeámos...” Lindo passeio, no deserto da noite! Claudine fechara-se no carro com um dos rapazes.

- Uma hora!, voltem daqui a uma hora! “ - e Marlene lá seguira, excitada e medrosa, levando o mais moço - seu chocolate.

“Passearam? Só?...” Claudine troçou, agarrou Marlene, puxou-a para si, fê-la contar dos beijos e abraços, das festinhas nas coxas num sofá de flores.

“Assim?...”, as mãos da francesa, suaves e quentes, escalando-lhe as pernas. “E não te beijou?” Marlene muda, os lábios da outra tocando nos seus, no pescoço e no peito, no ventre e nas pernas.

“Não sejas doida, Claude! “

Claudine doida, Marlene vencida.

Bateu palmas com toda a força, quis que as suas palmas se ouvissem acima das outras palmas e chamassem os olhos da menina acrobata. Mas a menina sorriu sem destino, fez vénias e saiu correndo, levou o sorriso e o corpo novo de mulher.

Esperou cá fora, fumando, na esperança de ver a mulher, menina e amiga de um dia de mortes.

“Já não me conheces...” Ela disse que não, mas ele lembrou-a, acordando a menina de outra feira distante,

“Tu! Mas estás tão crescido, pareces um homem! “ Renato cresceu mais, de vaidoso que estava. “Que idade tens? Dezoito?”

“Ainda não fiz só tinha catorze.

Fechavam-se as tendas, apagavam-se as luzes, calavam-se as músicas e os vendedores de sonhos, a feira morria e eles nascendo.

“Adeus Claudine” - e Claudine, amuada, partiu sem Marlene porque Renato chegara.

No fim da noite, princípio de tudo, passeavam à lua na feira deserta, iam de mãos dadas e Renato falava, da vida e do mundo, de facas e de avós, e também de farturas, que fome de farturas - e mais de um beijinho.

Marlene riu-se muito - “farturas, não afagou-lhe a cabeça como da outra vez, e levantou-lhe o queixo: “Um beijo assim?”

Ele nem sabia desses assim, beijo tão bom, ciência francesa.

Quando o circo partiu levava Renato num trabalho pesado: puxava cordas, carregava coisas, ajudava os artistas, tratava dos bichos, varria a pista, suava a fêria - mas depois do cansaço tinha Marlene em longos serões e não se cansavam.

“Fecha os olhos.” Fingiu que os fechava e viu um embrulho sobre os joelhos. Estavam sentados no carrocel, entre cavalinhos e girafas em repouso depois da noite de muitas voltas.

Encontrou duas camisas, um par de calças, sapatos, um blusão forrado de pele - ficou meio maluco, chamou-lhe maluca, armou-se em zangado.

Veste. Aqui?

Ia esconder-se atrás da girafa, que sempre era o bicho mais alto, mas Marlene não quis: “És tão envergonhado!”

Tirou a roupa velha dos dias todos, agarrou no presente, ia vestir-se, Marlene disse “espera!”, puxou-o e sentou-o ao seu lado, tonto e nu.

Sentiu as mãos dela acendendo-lhe o corpo, pareceu-lhe que o carrocel começara a girar, fechou os olhos, tombou a cabeça no seu ombro e deixou-se levar até ao fim da viagem.

“Ótimo mãe! Foi ótimo!”, Marlene batia palmas, ela e Fred correram a abraçar Zaira, que suava de esforço, enquanto colocava ao lado da cadeira de rodas os arcos e as varas com que se adestrava em malabarismos.

De longe, Renato ficava a vê-los todas as tardes. Meia Zaira voltava ao circo, passavam horas e horas treinando-se, ela e seu Fred, voadores loucos voando baixinho.

Os da Torre Humana, que eram oito e grandes, cercaram Renato, apertaram-no no meio e deram-lhe muitos murros e pontapés. Nessa tarde, Marlene saíra às compras com o mais moço da torre, despediu-se e tudo, “até logo, Renato”, até logo uma ova, na volta saiu-lhes ao caminho com os olhos de quem não está bom. Nem ai nem ui, um salto-de-peixe, cabeçada nos queixos, dois dentes a menos na Torre Humana.

À noite a Torre apanhou-o, Marlene ouviu gritos e acudiu gritando, tapou-o com o seu corpo a roubar pancadas que eram para ele, Renato sangrava mas empurrou-a e desprezou os seus cuidados.

Mais zanga que dores: cuidou-se sozinho, chorando escondido entre as jaulas das feras.

Ia só dizer-lhe aquilo de Fred, mas Renato voltou-lhe as costas, seguiu assobiando. E nem soube que Fred sofrera um colapso e não mais voaria de trapézio em trapézio. Nem que Marlene voltava à roulotte dos pais, Alfredo e Zulmira, alentejano e minhota, Fred e Zaira, voadores sem asas.

Renato assobiava e só queria ouvir o seu assobio.

“Vens ajudar-me?”

“ Eu?... “

Claudine estendia-lhe o vestido prateado com que andara brilhando na pista, ela a sorrir, os cães a saltar.

Agora também sorria e Renato espantou-se da novidade: nunca a francesa lhe dera uma palavra e quando se cruzavam tinha olhos maus.

“Que mal lhe fiz eu?”, perguntava muitas vezes a Marlene, mas ela esquivava-se - “não liguês, a Claudine é assim” - mas bem a via alegre e diferente com todos os outros, só para ele fria de gelo. Agarrou no vestido, tocou-lhe nas mãos - que gelo tão quente! - seguiram para a roulotte, deteve-se à porta, não queria entrar para não ver Marlene, mas Claudine mandou, manda quem pode. Lá subiu, não viu Marlene, onde andaria?, teve vontade de correr à feira, apanhá-la em flagrante, arrancar os dentes à Torre Humana, o resto dos dentes, os da trupe toda, os dos oito gajos, oito vezes trinta e dois duzentos e tal.

“Senta-te. Eu já volto.”

Quando voltou vinha nua. Despiu-o e deitou-o.

Fred dormitava com Zaira ao seu lado. Marlene saiu, sentou-se cá fora, na noite quente, sofrendo por Fred e também por Renato.

Havia luz na roulotte de Claudine e pensou visitá-la, uma visita de amiga. Claudine era boa, se bem que tonta, coisas de louca, mas aquela loucura iria passar.

Já tinha passado? Riu-se de ver que a roulotte mexia, a baixo e a cima, a baixo e a cima, ah, Claudine que não perdes tempo, Marlene aliviada, a rir, a rir, abriu a porta, saiu Renato, Marlene a chorar.

Só no outro dia soube Renato da doença de Fred. Procurou Marlene, queria falar-lhe, Pedir perdões, confessar pecados. Marlene casmurra. Por fim saíram, foram andando, uma volta calada à espera um do outro, Marlene brava, Renato aflito, começou ele com voz de culpado, mas tão arrependido que até dava dó. Já ia contar, de Claudine e tudo, mas Marlene calou-o tapando-lhe a

boca, não fales Renato, guarda segredo, guarda segredo para que eu guarde o meu - Claudine nua nos segredos dos dois.

O director do circo explicou que o contrato é que teria de ser mais em conta: os voos são os voos, malabaristas há muitos. De resto tudo igual, os nomes de Fred e Zaira voltariam a ser pintados no cartaz, em vez de Voadores Loucos, Malabaristas Excêntricos. Os Malabaristas Excêntricos disseram que sim, estavam tão loucos como na primeira noite, a do casamento e baptismo no tapete de erva, a das acrobacias de amor e saltos no sonho, um salto falhara, um sonho em cacos, mas tinham mais sonhos e os nomes no cartaz - malabarismo da vida.

“E a Marlene?” O director do circo não estava preocupado. Iria arranjar-lhe um novo parceiro, um Fred mais jovem de coração sólido.

Renato ouvia de nariz torcido, parceiro o tanas! - “tu queres um parceiro?” -, Marlene disse que não, jurou pela saúde, parceiro nenhum, só ele, Renato.

Nessa noite fugiram.

Antes da fuga passaram no circo, viram os palhaços entre risos e palmas, o ilusionista tirando pombas de um lenço de seda, a Torre Humana crescendo na pista com dois dentes de falta, até que entrou Claudine, com os seus cãesinhos cruelmente tratados como se fossem pessoas, vestidos e obrigados a sentarem-se em cadeiras, a andarem sobre duas pernas só, com rumos certos e direcções proibidas, a obedecerem lesto às ordens superiores, às ordens de Claudine, bela e rainha no seu vestido de prata.

Marlene e Renato saíram, foram à roulotte e fizeram amor na cama dela.

Escondeu-se atrás dos arbustos e Marlene foi expor-se na berma, com uma mão na anca e a outra de polegar levantado, a pedir boleia. Há mais gente generosa do que se pensa: um parou logo e já outro travava para oferecer também os seus préstimos.

“Queres vir, minha linda?”

“Pois vamos.” Renato saía à cena, riam-se os dois, o homem não tinha vontade de rir, abriu a porta mas tornou a fechá-la e mandou-os entrar para o banco traseiro.

“Para onde vão?” Boa pergunta mas não tinham resposta, nenhuma ideia, o menor plano, iam à sorte sem rumo nem sítio, nem sequer dinheiro, a doença de Fred tudo levava, o pouco de Renato desfazia-se em fumo, tinham-se um ao outro e o mundo à espera.

“Para O Mais longe possível!” O longe é a meta quando se foge.

Foi Marlene quem viu a carteira, uma carteira castanha, dormindo no banco ao lado do homem. Deixou lá ficar os olhos, o braço começou a crescer-lhe, mas Renato travou-a e zangou-se no seu ouvido.

O homem do carro ia casmurro, não dissera palavra, quando falou foi com ele mesmo - “um furo? Só me faltava mais esta! “ -, travou e saiu, voltou mais contente, não havia furo, estava com sorte.

“Ficamos aqui! “, disse Marlene, minutos passados. Agradeceram muito, correram e saltaram fazendo saltar a carteira castanha.

Depois Renato meteu-se nos arbustos, Marlene na berma de polegar levantado, outro carro parou numa excitação e eles sentaram-se no banco de trás.

“Para onde vão?”

“Para o mais longe possível...”

Muito mais fácil que voar nos trapézios: dos ombros de Renato Marlene saltava, ágil e louca, batia as asas, chegava às janelas, atirava uma corda, Renato subia, entravam em casas que sabiam desertas, enchiam mochilas, desciam carregados.

Assim muitas noites. E a Polícia embaraçada com os ladrões aéreos que desprezavam as portas e entravam por cima.

Mas uma vez no regresso encontraram polícias na ponta da corda. Um ano de prisão. A idade era pouca, a pena foi branda. Nem pena teriam se não os separassem.

Por muitas penas passaram pelo que fizeram penar, mas não se evadiram da vida que tinham. Porquê essa vida? “Era o destino”, dizia Marlene. Recordavam os tempos da feira, as desgraças de Zulmira e do tio António, também de Alfredo e dos pais de Renato, as noites sem medo, as roulottes dançantes, farturas e chocolates, o namoro agitado, mas tão bom, tão bom que o carrocel girava, roubos e prisões - “era o destino” - e outra vez o circo, falavam de todos, até dos brutos da Torre Humana, mas de Claudine, só esse silêncio nos serões de conversa folheando o passado.

Também gostariam de folhear o futuro, Marlene dizia que estava tudo escrito, mas era segredo, só depois se sabia, tarde de mais -era o destino.

VIII ADIAMENTO

O estranho desaparecimento de Adelaide Magrinha, Rusga gigantesca em Lisboa sem a Polícia tomar conhecimento. Como tudo se esclarece e Marlene chora de emoção. Renato e Flávio desvendam o seu arrojado plano, no qual se prova que a natureza tem remédio para todos os males e também males para todos os remédios

No Bar do Japonês, Arnaldo Figurante telefonou para Renato: “Nada. Ninguém a viu.”

Um após outro, Flávio, Pedro e Silvino chegavam das suas voltas cansadas e amargas e já traziam nas caras o relatório de tanta diligência: nem sombra de Adelaide Magrinha.

Andavam há três dias revolvendo o mundo. Ao princípio apenas tinham sentido uma leve estranheza, depois preocupação, uma angústia crescente, espanto, desorientação, pânico.

Exausto, tombando o corpo para o sofá, Flávio preveniu: “Temos de estar preparados para qualquer má notícia.” E todos os dias a alvorada era o folhear trémulo do Diário de Notícias, saltavam sobre as páginas das políticas, das artes, dos desportos, fixavam-se no espaço dos acidentes e outras infelicidades, quedas graves e atropelamentos, ná, Adelaide nenhuma. Bebiam ainda os relatos de mais um round desse interminável combate entre policias e ladrões e respiravam fundo: não constava qualquer Adelaide do rol dos engavetados.

Ainda bem. Mas, por outro lado, essa ausência de novas, boas ou más, mantinha tão denso o mistério que Pedro exclamou, a certa altura: “Merda! Isto agora parece um livro policial!”

Teria, na verdade, as suas semelhanças. A tal ponto que Silvino sugeriu o rapto ou o assassinio como causas possíveis do desaparecimento. Mas não fazia sentido. Flávio observou que não fora recebido qualquer pedido de resgate - e quem e porquê haveria de matar Adelaide Magrinha, pobre Adelaide, que não

tinha jóias nem dinheiro ao canto do baú, e nunca fizera dano que levasse a uma vingança assim?

Havia de estar, portanto, viva e de boa saúde. Mas onde, cos diabos, onde?

Ao quarto dia, Renato chamou ao seu quartel figuras destacadas da malandragem mais fixe. "Preciso de ajuda!" Solenes, no ar grave das grandes ocasiões, juraram-se os chefes ao dispor, eles e seus homens, contactos e informadores, os amigos particulares, as amásias e a sua roda de conhecimentos, até o dinheiro das economias, se necessários fossem gastos avultados.

Atacam Lisboa ao anoitecer.

Em casa ficaram Renato, colado ao telefone, e Marlene, colada a ele. Os outros da quadrilha partiram para itinerários de um milhão de passos. Os voluntários, às dezenas, reuniram-se em assembleia e acertaram planos, distribuíram zonas, fizeram análises, atiraram palpites, no fim beberam bagaço e seguiram à descoberta.

O velho Teodorico, aposentado da acção concreta por doenças várias que o grudavam a um banco de bar e aos copos com que o presenteavam no cavalgar da noite, foi chamado a participar na reunião e formulou também seus juízos e recomendações. Quando todos partiram e no bar ficaram só ele e o próprio japonês, bebendo à saúde, Teodorico assegurou que uma rusga assim jamais se vira, uma rusga interna, em família, na qual os polícias também eram marginais, ninguém contra ninguém, todos a favor, um grande gesto de bondade dos maus, além disso demonstrando muita organização, uma coisa a preceito, com método e disciplina, acima de tudo muita ciência de geografia: iriam a todos os becos, vielas, atalhos, grutas, pântanos, selvas, precipícios, vulcões, montes e vales da cidade escura.

Operação em marcha, começaram a aparecer oficiais do ofício a meter os narizes interrogativos em tudo quanto era canto susceptível de se encontrar, ou por lá ter passado, Adelaide Magrinha. De veteranos a estagiários; quadrilhas organizadas e franco-atiradores; peritos de esticão e carteiristas de transporte público; excelências do assalto à mão armada e vigaristas de suprema imaginação; passadores de marijuana e de moeda estrangeira - produção-nacional; vendedores de ómegas mais rápidos que os suíços e de parkers com fôlego para vinte e quatro horas; amigos do fundo dos tempos, como o Teófilo Careca, o Brás - Três Pernas, o próprio Tomé Caga d'Alto; o Acácio Galã com o

seu bando de duros - e muitos outros não referidos porque este livrinho não pretende ser a lista classificada - era todo um exército de súbitos Sherlock Holmes lançados na investigação, passando a noite de Lisboa a pente fino, tudo para ajudarem Renato, o Pacífico, e sua quadrilha em hora de tanta aflição.

Diria ainda o velho Teodorico que em procura de Adelaide Magrinha se afadigavam mais delinquentes do que alguma vez se moveriam polícias, por muitos anos que vivesse e frutuosamente roubasse.

Mas os dias passavam-se sem novas nem mandados.

Adelaide fora vista pela última vez no funeral de Lina Despachada, que não resistira à deserção do último amante, ele a sair de casa e ela a subir ao céu, ou a descer ao inferno, vá lá saber-se a sentença de Deus e até que ponto terá considerado os seus vinte e seis anos de purgatório no sobe-desce da Avenida.

Viram-na junto à campa, de véu negro, olhos vermelhos de chorar, fechada no silêncio de preces ou de recordações. Assim o afirmavam numerosas testemunhas, umas trinta, andarilhas da Avenida ou de outras avenidas, todo o acompanhamento da última viagem de Lina Despachada, esquecida por quantos cidadãos lisboetas com ela privaram muito de perto, nos esconderijos das hospedarias manhosas onde Lina atendia a clientela, tratando-a de suas febres e sobressaltos, vícios e taras, tudo a limpo no sujo dos lençóis.

Nem terão chegado a saber do seu passamento, mas se o soubessem, e lhes desse um absurdo e generoso impulso de comparecerem todos, caramba!, teria sido um enterro de embasbacar Lisboa. À sua passagem muitos seriam a perguntar quem morrera, se ministro ou comendador, quem tão importante para um funeral assim, milhares de pessoas em pesaroso cortejo. Haveria de pensar-se que expirara alguém de grande passado e muitas relações -e era.

Depois do cemitério perdia-se a pista de Adelaide Magrinha. No prédio onde morava, os vizinhos declararam que há muitos dias não lhe punham a vista em cima e raro sabiam dos seus passos e rumos. Na mercearia, no talho, na leitaria em que era freguesa de galão e bolinhos de creme, julgavam-na ausente, presumindo-a em férias.

Renato interrogou o seu grupo, um a um, solicitando a maior franqueza: teria alguém feito a Adelaide qualquer desfeita ou ofensa que a levasse a pegar na trouxa e a sumir-se sem um adeus? Juraram todos que não, que nem por um só gesto ou palavra tinham ofendido a dignidade da estimada cúmplice.

“Só se foi por causa da cadeira de rodas lembrou Silvino. Mas não. Como muito bem expôs Flávio, as razões invocadas por Adelaide, se bem que infantis e baseadas em superstições, tinham sido atendidas. E logo se encontrara, para o problema, outra solução.

De facto, nem chegara a haver problema. Ao apresentar o plano do fabuloso assalto ao Museu Gulbenkian, para subtraírem vinte e duas escolhidas peças da Colecção Lalique, o Pacífico anunciara que um deles iria em cadeirinha de rodas, com ambos os pés envoltos em ligaduras, tudo a fingir, já se vê. E designara Adelaide para tal papel, por ser magrinha, logo mais leve. Adelaide opôs-se, negou-se terminantemente, choramingando, e atirou um argumento irrefutável: dava azar! E batia com os nós dos dedos no tampo da mesa, esconjurando diabólicas maquinações.

Bem tentou Renato convencê-la, afirmando que o truque da cadeirinha era fundamental, o segredo do sucesso, a alma do plano. Em vão. Nem rogos nem promessas levaram Adelaide a aceitar os pés ligados e os cómodos da cadeirinha, pelo que, em sua substituição, foi escolhido Silvino.

Nada mais houve, nem castigos nem ralhos. Acabaram a larachar e, nessa noite, Renato não revelou mais pormenores do plano, tampouco respondeu às interrogações de Silvino, ansioso por saber qual seria a sua acção no golpe, apresentando-se na Gulbenkian em tal preparo.

No outro dia, Adelaide foi ao enterro de Lina Despachada e, depois disso, não mais tornara a aparecer.

Os meliantes voltavam das buscas de orelha murcha e, quase envergonhados, davam contas a Renato do muito que haviam andado sem resultado nenhum. O próprio Teodorico confessava já não saber onde mais pudesse ser procurada Adelaide Magrinha e falava-se em mágicas e bruxedos. Alguém lembrou que poderia fazer-se um anúncio no jornal - “Desaparecida” - com fotografia, ou então um apelo na Rádio e na Televisão. E houve até um insensato a propor que se desse parte à Polícia.

Todas estas sugestões foram recusadas, como é natural, e a quadrilha ficou-se em grande embaraço e consternação. Até que, de súbito, com a simplicidade que está no fundo de todas as coisas complicadas, o mistério se desvendou. Aconteceu uma tarde na tabacaria do Sebastião, um bom homem,

mas tão duro de ouvido que passavam a vida a gritar com ele. “Dois maços!”, gritou Renato, estendendo uma nota pela meia-lua do guichet.

“Olha o Renato! Homem, que é feito de ti que não tens aparecido? Espera, tenho uma coisa para te entregar...” Enquanto procurava sob os pacotes da mercadoria, ia explicando: “É uma carta. Uma carta da Adelaide. Deixou-a cá há para aí uma semana, pedindo para te a entregar, mas só a ti, e em mão. A mais ninguém. Tenho visto o Pedro, o Arnaldo, o Flávio, mas não lhes dei a carta porque a Adelaide disse... olha, cá está. já nem sabia onde a tinha deixado. Há para aí uma semana que a Adelaide esteve cá, deixou a carta e recomendou-me que não desse a outro que não fosses tu. Por isso...”

Renato segurou a carta, meteu-a no bolso e, lentamente, como se não tivesse pressa de saber, foi sentar-se a uma mesa da leitaria. Pediu ainda um café e uma aguardente, beberricou dois tragos e só depois, o coração a bater, uma vertigem na cabeça, uma grande fadiga, foi desdobrando a folha de papel, em movimentos vagarosos de aparente calma e indiferença.

Renato

Peço que me desculpes pelo que vou fazer, Pensei muito antes de tomar esta decisão, mas não podia dizer nada a vocês, tudo tinha de ser assim, em segredo, mas quero que saibas que sou muito tua amiga, e também de Marlene e dos outros todos.

Renato, eu não nasci para essa vida, caí nela por gostar de um rapaz que um dia conheci num baile, sabes quem é, o Carlos, nem sabia da vida do Carlos, quando soube já nem me importava, Mais tarde descobri que o Carlos também se sentia muito infeliz nessa vida, o seu sonho era mudar, mas já foi tarde, veio a Policia e levou-o,

Ontem o Carlos saiu da prisão, mandou-me um recado, deram-no à porta do cemitério quando voltava do enterro de uma amiga, Depois do desgosto por ter morrido uma amiga, veio aquela grande alegria de me encontrar com o Carlos, mas continuei a chorar, chorámos muito os dois, o Carlos está muito mais velho mas quando começou a chorar parecia uma criança,

Depois disse-me a coisa mais bonita que alguma vez ouvi, disse-me para irmos embora, para um país que ficasse longe, longe de tudo o que passámos até aqui, Quando receberes esta carta, Renato,

mesmo que seja já amanhã, iremos a caminho e peço que compreendas e me desculpes. Sei que foi uma má altura, agora que tinhas um plano importante, mas as coisas acontecem como acontecem, é o destino, razão tem a Marlene,

Dá abraços a todos e pede-lhes que não levem a mal a esta que muito os estima

Adelaide

Havia ainda mais algumas linhas, mas Renato recostou-se, de olhos fechados, sem saber se estava triste ou contente. Curioso: talvez estivesse contente. Ou só aliviado por ver chegar ao fim aquela angústia, o medo que o desaparecimento de Adelaide tivesse alguma coisa que ver com o assalto? “Não. Eu estou contente por saber que a Adelaide vai ser mais feliz assim”, concluiu. Mas lembrou-se também do plano, chicha, finalmente poderiam avançar, sem mais problemas ou indecisões, fazer o grande roubo no museu, um espectáculo, um show, o bem-estar até ao fim da vida, ai

Adelaide, estúpida Adelaide, bem poderias ter esperado mais uns dias antes de fugires com o teu Carlos, sempre levavas um pé-de-meia, um dote!

Sorriu, depois riu-se mesmo, em fortes gargalhadas, só se deteve quando o empregado, surpreso, lhe perguntou se se passava alguma coisa. “Nada, não se passa nada, traz-me outra aguardente.” E leu as últimas linhas da carta:

Meu caro Renato,

sei que a esta hora estás em brasa. Já deste dois grandes socos na mesa e se eu aí estivesse quem os apanhava era eu, Mas passa-te, porque tu és um bruto bondoso e acabas por compreender. A Adelaide escreveu aí que não nascemos para essa vida, e é verdade, mas eu não sei se há alguém que nasceu para essa vida ou se apenas é empurrado e se vai deixando escorregar. Tu, por exemplo, embora andes a querer a armar em duro. E a Marlene. E os outros todos. Será uma grande alegria para mim quando souber que fizeram o mesmo que nós, a Adelaide e eu, que vamos começar tudo de novo, fazer de conta que nascemos agora. Quando tiver a minha casa hei-de escrever-te, a dizer onde vivo e o que faço, e ficas a saber que seria uma grande satisfação ter um dia a tua visita.

Até lá, abraça-te o
Carlos

Estava-se no fim da tarde, naquele lusco-fusco que junta e separa o dia e a noite, o trabalho e o êxodo a caminho de casa, a pressa de partir, a pressa de chegar. As pessoas alinhavam-se nas paragens dos transportes, os transportes alinhavam-se nas paragens forçadas dos engarrafamentos, Lisboa densa e enervada, uma hora ainda, mais uma hora até começar a espreguiçar-se, serenando de ruídos e de bulícios, por fim o encontro da madrugada com seus guerreiros e amantes.

Renato ainda esteve uns momentos na paragem do eléctrico, depois preferiu seguir a pé. Caminhava ausente do caminho, pensando em Carlos e Adelaide e navegando com eles para outra vida, lembrando-se de Marlene e dos outros, e do que teriam de fazer depois de amanhã, e enquanto caminhava já não ia hoje, ali, encontrava-se no museu depois de amanhã, e os pensamentos fugiam-lhe mais e mais, era como se já estivesse depois de depois de amanhã. “Talvez me encontre com a Adelaide e o Carlos, no mesmo país, na mesma cidade...”, pensou, e sentiu vontade de que todo o tempo passasse depressa até chegar esse tempo.

Quando leu a carta, em voz alta, apenas Silvino se indignou com a deserção de Adelaide: “Filha dum corno, Grande safada! Pirar-se numa altura destas!” Os outros ficaram em silêncio, dir-se-ia que até o próprio Arnaldo Figurante tinha um novelo na garganta e todos compreenderam quando Marlene começou a soluçar - “coitadinha, coitadinha, que Deus a acompanhe...” - e intimamente desejaram que Deus, ou a sorte, ou lá o que fosse, se pusesse ao lado de Adelaide - Deus, ou a sorte, de um lado, Carlos do outro.

Estavam ainda nesta boa meditação quando uma abelha entrou na sala em voo picado, Um sobressalto. Pedro descalçou um sapato para esmagar o bicho, mas Renato suspendeu-lhe o gesto, enquanto falava, severo, para Marlene: “Deixaste-a fugir! Se calhar fugiram mais! Como é que tu...” A abelha encontrou a janela e evadiu-se deixando uma interrogação nos olhos de Pedro, Silvino e Arnaldo.

“É a altura de vos contar tudo”, disse Renato. “Eu e o Flávio pensámos muito na melhor forma de assaltar o museu. Caramba, fartámo-nos de dar voltas à cabeça. À mão armada não dava, nem é o nosso estilo. Há uma grande

vigilância, guardas e alarmes por todos os lados. Vocês hão-de perguntar: e se fizéssemos as coisas como sempre fizemos, arrombamento ou chave falsa, ou amarinhar o muro e entrar pela clarabóia? Não havia hipótese: os alarmes desatavam a apitar aí pelas esquadras e caía-nos em cima a Polícia toda. Então, o Flávio...”

Fez uma pausa como a convidar o Doutor a prosseguir.

“A questão”, disse Flávio, “é que eles estão preparados para todos os golpes conhecidos. Assim, a chance estava em inventar um plano completamente novo, um processo que nunca tivesse passado pela cabeça de nenhuma quadrilha e para a qual, em consequência, a segurança não tenha resposta preparada. Faço-me entender?” Menearam as cabeças, que sim, que entendiam, e o Doutor continuou: “Ora bem. Não me parece que eles tenham previsto a possibilidade de um assalto como este que planeámos. Venham daí...”

Levantou-se e todos o seguiram até à cozinha. Encontraram-se com uma cadeira de rodas e uma caixa rectangular, de alumínio, fechada, a tampa salpicada de finos orifícios.

“Já tínhamos falado da cadeira. Aqui está. Comprámo-la ao Tony Gordo, que esteve um ano sem poder dar passo por causa dos tiros que lhe acertaram na barriga. E sabem o que há naquela caixa? Abelhas. Exactamente: abelhas. Vejam que a caixa das abelhas é do tamanho da almofada da cadeira. Vai ser colocada por baixo da almofada e, quando o Silvino, puxar a manivela - ali, estás a ver? -, a caixa abre-se e as abelhas saem. Não sei se já estão a compreender tudo...”

Voltaram para a sala e Flávio continuou a explicar, assegurando a eficácia do plano. “É uma coisa demalucos disse Pedro, mas reconheceu que na Gulbenkian ninguém devia estar à espera de uma novidade dessas, e daí que, enfim, talvez resultasse; Arnaldo ainda observou que uma pistola é uma pistola, uma abelha não se pode apontar, que lhe constasse ninguém tinha pontaria de abelha; Silvino entendeu que era “porreiro!, porreiríssimo!”, quando vissem as abelhas ninguém se poria a imaginar que se tratava de um assalto, um assalto com abelhas só de doidos, do manicómio, e eles eram doidos clandestinos, viajavam no mundo doidamente e sem carta de doidos.

“Então? Vamos?...”, perguntou ainda Renato.

Iriam. Estava combinado.

IX GLÓRIA E MORTE

Pandemónio na Gulbenkian seguido de peripécias várias e grande agitação nas principais artérias citadinas.

Epílogo lógico e moral, com o fim da quadrilha de Renato, o Pacífico, persistindo no entanto algumas dúvidas quanto à sorte de alguns dos seus membros

Juntaram-se ao meio-dia na Avenida de Berna. Primeiro chegou Arnaldo Figurante, minutos depois Flávio, logo a seguir Pedro ao volante de uma furgoneta transportando Silvino com os pés entapados e a cadeira de rodas, por fim Renato e Marlene, que haviam estacionado o automóvel em frente do Teatro Aberto.

Embora sem prévia combinação, todos se apresentaram à altura das circunstâncias: eles bem barbeados, de gravata, camisa branca, cheirinho de água-de-colónia; Marlene de vestido lilás, em seda de tafe-tafe, luvas de pelica, sapato novo, permanente da véspera.

Às 12 e 30 entraram num bom restaurante das redondezas, e quando Arnaldo escarrou no lenço o chefe olhou-o com severidade. Já antes o admoestara por se ter excedido na água-de-colónia, cheirando mais do que devia.

A verdade é que estavam um tanto ou quanto nervosos e num momento em que Silvino fez menção de se levantar da cadeirinha de rodas para ir ao urinol, o próprio Flávio perdeu as estribeiras e disse “tá quieto cabrão” em voz mais alta do que seria recomendável.

Às 12 e 38 Renato solicitava ao empregado duas de cozido, duas de bacalhau no forno, uma de jardineira, um bife à cortador e duas garrafas de tinto da casa. Pediria ainda mais duas garrafas e queijinhos frescos e às 13 e 50 tomavam café e aguardente velha.

Quem nesse dia, às 14 e 25, passou sem excessiva pressa na Avenida de Berna, talvez se recorde de um grupo de seis pessoas - uma mulher, quatro

homens pelo seu pé e um infeliz com os dois pés envoltos em ligaduras e conduzido numa cadeira de inválido - que atravessavam a artéria em direcção à Fundação Gulbenkian.

Às 14 e 34 cruzaram a porta do museu, ao mesmo tempo que uma excursão de japoneses, precedidos, com curtos intervalos, de grupos de turistas suecos, espanhóis, suíços e alemães, além de cinquenta e três meninas nacionais, alunas de um colégio interno, acompanhadas por atentas jovens professoras.

Numerosos visitantes avulso circulavam também pelas salas do museu.

“Isto está cheio de gente! Não vamos conseguir” disse Pedro Justiceiro, desanimado, eram 14 e 40. Renato respondeu que, pelo contrário, pelo contrário, quanto mais gente melhor para o plano.

Inquieto, Arnaldo Figurante quis saber onde estavam as jóias, mas o Doutor repreendeu-o e asseverou que se tornariam notados se não dessem uma longa e serena volta, detendo-se em todas as salas, admirando as coisas raras e preciosas, além de que não perderiam nada em cultivar-se um pouco.

Quando os fez admirar a Arte Mesopotâmica eram 14 e 48, mas Arnaldo apreciou mais a Arte do Oriente Islâmico, pelas 15 e 2.

Flávio excitava-se no seu papel de cicerone, apontava e ia explicando, sabia de Grécias, de Romas, de Egiptos, dissertava sobre porcelanas e jades da China, lacas do Japão, quadros - “olha um Renoir! Um autêntico Renoir!” -, livros, estátuas, tapeçarias, mas às 15 e 52 Silvino, teve um princípio de crise e berrou que se estava cagando para a Mesopotâmia, para a Arte do Oriente Islâmico em geral e para as cerâmicas em particular, para todos os pintores e mais ainda para os impressionistas, e que o Doutor fosse bardamerda, andavam ali há mais de uma hora e ainda não tinham visto a porra das jóias, as vinte e duas do Lalique, se isso tinha algum jeito.

Renato suspendeu a discussão com um olhar definitivo, de chefe, e sentenciou que, bem vistas as coisas, o Silvino tinha razão: eram horas.

“Vamos então!”, disse Flávio, polido mas enxofrado, conduzindo-os de pronto a uma sala singular, de paredes onduladas em curvas suaves. “Aqui têm vocês a Colecção Lalique!” Estava-se pelas 15 e 58.

Às 16 e 10 todos tinham fixado as vinte e duas peças encomendadas pelo italiano de Palermo. Marlene e Pedro receberam ordem para partir, enquanto

Renato empurrava a cadeira de Silvino para outra sala, deixando sós Flávio, Arnaldo e Laliq.

Silvino e Renato entreolharam-se, na Galeria de Arte do Extremo Oriente, precisamente às 16 e 18. “É agora : puxa! “, ordena o Pacífico,

Silvino envolve a mão num lenço de quadrados azuis, agarra a alavanca, dá uma mirada em redor, ninguém deste lado, ninguém naquele, puxa de leve, piram-se cinco abelhas a experimentar o voo, zzzzzzzz, zzzzzzzz, somem-se na direcção do Egipto, não tarda nada ouvem-se os primeiros gritos, gritos dilacerantes, de cortar o coração, e rebenta o cagaçal de pés em correria.

“já está uma barulheira do escafandro”, comenta Renato, e manda puxar outra vez, segunda dose, Silvino diz “okay chefe, lá vai disto”, zzzzzzzz, zzzzzzzz, mais vinte e uma abelha em três esquadrilhas de sete revolteiam no espaço afiando os ferrões, dois japoneses atravessam a galeria aos pulos, seguidos de uma sueca que enfia desesperadamente a mão no decote, uma abelha tinha-se lá ido meter, devia ser a abelha-mestra, cada vez mais gritos, impossível distinguir um grito sueco de um grito de Campo de Ourique, zzzzzzzz, zzzzzzzz, um cidadão espanhol quer encafuar-se numa arca francesa, Luís XVI, é o encafuas, já lá havia abelhas, duas de rabo alçado e ferrão em riste, o espanhol dá um salto como os bonecos nas caixas de surpresas, diz três obscenidades, mas foi em espanhol, passa, zzzzzzzz, zzzzzzzz, aparecem em pelotão compacto as meninas do colégio dando à perninha e berrando graciosamente.

“Puxa! “, ordena de novo Renato, quem me acaba o resto?”, retruca Silvino, agarra-se à alavanca com a força toda, o fundo da caixa abre-se de par em par, 'olha pra este cardume', entusiasma-se Silvino, “enxame”, emenda Renato, “ou isso”, concorda Silvino, zzzzzzzz, zzzzzzzz, cena terrível, centenas de abelhas iradas atacando em todas as direcções, apanham a excursão de alemães que se tinham reunido disciplinadamente à espera que a guia desse o sinal de partida, já não esperam, arrancam como foguetes, mas chocam de frente com os italianos que vinham à desfilada, julgavam que a porta era do outro lado, há feridos ligeiros, zzzzzzzz, zzzzzzzz, um japonês pára para tirar fotografias mas não tira, é atacado pela retaguarda, dá um pinote e foge agarrado à zona, toda a zona está a arder, fica uma Nikon exposta entre as obras de arte assíria.

O Pacífico aprova o desenrolar das operações, “bestial, bestial”, Silvino desata a rir mas uma abelha pica-o nas partes, espinoteia para fora da cadeira,

fica a dar pulinhos com uns grandes pés calçados de ligaduras brancas, Renato vai esconder a cadeira atrás de um biombo chinês, está lá uma senhora abrindo e fechando a sombrinha para assustar as abelhas, *ZZZZZZZ, ZZZZZZZ*.

Um turista suíço enrola-se num tapete persa e fica deitado ao comprido a fazer-se de morto, as meninas do colégio vinham correndo de narizitos no ar, catrapuz!, encalham no suíço atapetado de persa, estatela-se a primeira fila, depois a segunda, a terceira, assim sucessivamente. Acaba por cair também a sueca que já tinha despido a camisola à procura da abelha-mestra, vinha com as mãos em cone, nos peitinhos, fingindo de soutien, afinal nem havia abelha, era só comichão, *ZZZZZZZ, ZZZZZZZ*, mais de metade dos visitantes já se safaram do museu, coçam-se e rebolam-se na relva do jardim, outros já vão na Praça de Espanha batendo com os calcanhares nos traseiros.

Às 16 e 23 aparecem, na galga, Flávio e Arnaldo, nem é preciso perguntar se correu tudo bem, está nas caras, vê-se logo, mais contentes que um béque que acaba de marcar o golo da vitória, trazem um pequeno saco de plástico, desses dos supermercados, medida sem dúvida inteligente, tem de se reconhecer, saco de plástico de supermercado não pode levantar suspeitas, ninguém vai pensar que tem lá jóias, muito menos Renê Lalique, o que se presume é lata de atum, frasco de pickles, pacote de margarina, coisas assim.

Renato estende a mão para agarrar o saco mas Silvino intercepta - "dá cá, estou descalço, a mim ninguém me apanha, uma vez na Calçada da Glória..." -, ainda há abelhas em circulação, *ZZZZZZZ, ZZZZZZZ*, e gente que esbraceja junto da porta, os quatro vão furando, cada um por seu lado, já se avista a furgoneta, com Pedro ao volante, e o automóvel, com Marlene a postos, está quase, agora só um azar, é o êxito, o assalto do século, golpe de mestres, eu não dizia?, serviço limpo, temos de ver o telejornal, audaciosos, o menos que vão chamar-nos é audaciosos, mas hão-de ter acanhamento de dizer geniais, Renato vai espremido entre suíços, suecos e italianos, estica o pescoço para ver os outros, ali vai o Silvino, mais à frente Flávio, acolá Arnaldo, pirando-se, é mais um instantinho, ninguém topou nada no meio da chinfrineira, um minuto, dentro de um minuto estarão nos carros com as jóias, as vinte e duas, a reforma, ricos que nem lordes, hei-de fazer uma visita à Adelaide e ao Carlos, talvez fiquemos por lá, a Marlene e eu.

As 16 e 29 uma furgoneta deixa vagorosamente os jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, seguida, três minutos depois, por um automóvel castanho conduzindo um casal.

No meio do tráfego da Avenida da República ninguém terá reparado no regozijo dos ocupantes de uma furgoneta, que soltavam gritos e trocavam abraços, nem no estranho comportamento de um homem e uma mulher, que seguiam de automóvel e travavam de vez em quando para se rirem às gargalhadas.

Os dois veículos, separados por algumas centenas de metros, apontaram ao Campo Grande, viraram à esquerda entrando na segunda circular, depois à direita por um caminho estreito, passaram por ruelas sinuosas de um bairro pobre, vindo a deter-se num baldio oculto por velhos armazéns.

Quando chegou o automóvel, Pedro justiceiro, Flávio, o Doutor, e Arnaldo Figurante correram ao encontro de Marlene e Renato, o Pacífico, apertaram-se em abraços e dançaram

“Hip, hip, hurrah”, festejou Pedro, mas já Renato olhava em volta, subitamente grave:

“E o Silvino?...”

Um grande silêncio de incompreensão gelou a festa e pararam todos a olhar uns para os outros.

“Qu'ê de Silvino?...”

O Doutor abriu a boca três vezes antes que lhe saíssem as palavras:

“O Silvino?! Então o Silvino não veio com vocês?... ”

“Ora essa! Mas qual era o carro de Silvino? Não era a furgoneta? Porque diabo havia de mudar? E as jóias: quem tem as jóias?...”

“As jóias tinha-as o Silvino...”

De mãos na cabeça, Arnaldo começou a choramingar: “Ai minha mãezinha, ai minha mãezinha...”

Sem uma palavra Marlene foi sentar-se pesadamente no carro e tombou a cabeça sobre o volante.

Pedro juntou as mãos como se estivesse a rezar.

Renato estava lívido. “Eh, pá... eh, pá...” Deu alguns passos em silêncio e depois berrou com toda a força: “Mas onde é que está esse tipo? Querem ver que o sacana se deixou apanhar?! ”

Encostado à furgoneta, Flávio tirou os óculos e limpou a cara, esfregando-a como se fosse um desenho e quisesse apagar os olhos, o nariz, a boca. “Eu acho que ele não se deixou apanhar...”

Ficaram à espera de uma explicação.

“Pois é, Renato. Sabes por que motivo o Silvino não veio na furgoneta? Porque se chegou ao pé de nós, quando eu e o Arnaldo já estávamos junto ao Pedro, e disse: arranquem! Safem-se já! O Renato quer que eu vá com ele no carro e leve as jóias! Foi ou não foi o que ele disse, Arnaldo?”

“Ai minha mãezinha, ai minha mãezinha...”

Foi Pedro a confirmar: “Ele disse que tu tinhas dado ordem. Que o tinhas mandado para o teu carro, com o saco. “

“Mas... eu não disse coisíssima nenhuma a esse gajo! Estava convencido de que ele vinha à frente, com vocês! “

“E nós pensávamos que ele vinha aí, contigo e a Marlene. “

“Então... então... “

“Então, não tem nada que saber: o Silvino pisgou-se com as jóias. “

Um rapaz que na orla da cidade apascentava o seu rebanho magro olhou com estranheza cinco pessoas, quatro homens e uma mulher, que pareciam adormecidos embora tivessem os olhos abertos, e olhavam não se sabia para onde, como se nada vissem, nem sequer as cabras que lhes passavam junto, nem mesmo o viam a ele, pastor da cidade, e afastou-se depressa com medo que estivessem mortos, podiam ter morrido em pé e ficado assim, o certo é que não falavam nem se mexiam, nem mesmo quando uma cabra foi lambe as peúgas verdes de um deles, o rapaz já ia longe e olhou para trás, eles na mesma, então deu-lhe a veneta e atirou uma pedrada, a pedra bateu no automóvel e fez um grande barulho, só então um dos mortos acordou e lhe gritou “eh, miúdo, que merda é essa?”, mas nem parecia muito zangado com ele.

“Agora não vamos ficar aqui especados. É preciso fazer alguma coisa”, disse Pedro.

“Sim, é preciso”, aquiesceu molemente, o Pacifico, “Mas fazer o quê?”

“Eu sei o que vou fazer”, informou Arnaldo. Abriu a porta da furgoneta, levantou o banco e tirou a pistola. “Vou dar dois tiros nos cornos do gajo! “

Que se lembrassem, foi a primeira vez que Renato não se exasperou ao ver um dos seus homens de arma nas unhas. Mas Marlene levantou os braços a pedir um pouco de calma:

“Alto aí! Primeiro temos de saber ao certo o que aconteceu: se o Silvino nos passou a rasteira ou se foi filado.”

Instantes depois estavam no interior do automóvel e Renato ligou o rádio. Como acontece nos filmes policiais, parecia que o locutor estava mesmo à espera para dar a notícia:

Gatunos ainda não identificados levaram a efeito um roubo sem precedentes, esta tarde, no Museu Gulbenkian, O golpe verificou-se na sequência de um acontecimento insólito, uma verdadeira invasão de abelhas, que espalharam o Pânico entre os visitantes do museu, A confusão que se gerou permitiu aos ladrões apoderarem-se de jóias em número e valor não revelados,

A Polícia não forneceu também nenhuma informação quanto a eventuais suspeitos, mas crê-se que o autor ou autores do assalto se encontram ainda em Lisboa, pois todos estes acontecimentos ocorreram há pouco mais de uma hora, Assim mesmo, está já em curso uma vasta operação que mobiliza centenas de efectivos das várias forças militarizadas. Todas as saídas da cidade estão a ser vigiadas e a PSP solicita dos automobilistas a melhor compreensão Para os incómodos e atrasos a que serão sujeitos nas operações stop montadas em todas as saídas da cidade,

Contamos dar mais informações no nosso próximo serviço de notícias,

O locutor saiu do circuito e entrou um cantor romântico chorando mágoas porque o seu amor partira num cavalo branco galopando à doida para se meter em maus lençóis. Não souberam o fim do drama porque Pedro Justiceiro fechou o rádio, antes de dar um piparote na ponta do cigarro pela janela do automóvel e olhar para Marlene: “Agora já não há dúvidas nenhuma...”

Ela fez que não com a cabeça e Renato completou: “Está tudo explicado. O Silvino comeu-nos as papas na cabeça, mas vai arrepender-se de ter nascido.”

O meu medo é que a Polícia o apanhe”, disse Arnaldo, “o meu medo é que a Polícia lhe deite a luva antes que eu lhe ponha as mãos em cima.”

“Temos algumas vantagens”, animou o Doutor, “Sabemos quem procuramos, quais os seus hábitos, os locais para onde costuma ir sempre que anda fugido. Os polícias ainda nem sabem quem querem prender.”,

Renato recompunha-se e começou a organizar a busca. “Não vamos perder mais tempo.” Deixariam ali a furgoneta, que fora roubada e lhes podia trazer amargos de boca, o carro guardavam-no no parque de estacionamento dos Restauradores, as pesquisas seriam a pé, “Antes de mais nada temos de

falar com o italiano. Convém avisá-lo do que se passou, não vá entregar a massa ao Silvino, se ele lhe aparecer com as jóias. “

O italiano, como seria de esperar, bradou “porca miséria!”, quando o informaram do miserável comportamento de um dos membros da quadrilha. Depois levantou a calça e mostrou, preso à perna por um elástico, um pequeno revólver com um punho de madre-pérola - o primeiro revólver com punho de madre-pérola que nos aparece nesta história, mais um pouco e não aparecia nenhum. “Se ele vier, liquido-o”, anunciou, em português, mas com evidente sotaque de Palermo.

Quando se despediram do italiano iam mais tranquilos, à excepção de Flávio, que se declarou preocupado: “Não confio muito neste pardal. Tem cara de bandido. É capaz de tratar da saúde ao Silvino e cavar com as jóias sem dizer água vai.”

Reconheceram que havia, efectivamente, esse risco e que a situação se apresentava delicada: tanto o gangster de Itália como a Polícia de Lisboa não tinham menos interesse em encontrar-se com o fugitivo e o seu precioso saco de plástico.

Às oito ouviram no telejornal notícias animadoras: além de não terem prendido ninguém, as autoridades desconfiavam de uma quadrilha internacional. Mas o Doutor voltou a arrefecer os entusiasmos lembrando que, se fizessem uma rusga à pesca dos internacionais, o italiano talvez fosse na rede e ninguém lhe garantia que não vomitava tudo.

“Estás sempre a agoirar!”, protestou Pedro, mas a verdade é que esta nova ameaça os deixou a todos mais desconsolados.

“Vamos lá acabar com os palpites”, disse, por fim, Renato. “O que há a fazer é descobrir o Silvino. “

Nessa noite Marlene ficou em casa, os homens dividiram-se em duas patrulhas: Renato e Arnaldo por um lado, Flávio e Pedro batendo outras zonas.

Andaram às voltas pelos apeadeiros da noite, tascas e bares, cabarés chungas. Meteram-se por becos e travessas e em negros vãos de escada onde algumas vezes se tinham acoitado. Espreitaram nos cinemas e até nas igrejas.

“Corremos Ceca e Meca. Não vale a pena entrar em descrições porque é a mesma história que aconteceu com a Adelaide Magrinha”, disse Arnaldo, descalçando os pés inchados, quando se juntaram em casa de Renato para trocarem notícias dos seus insucessos.

“Agora é mais difícil”, comentou Marlene. “Não temos ajuda...”

Não a pediram. Pensaram ainda em lançar outro apelo, solicitar os préstimos da sociedade marginal, atirar legiões à cata de Silvino, esquadrinhar dia e noite a cidade toda, da cave aos telhados. O pior era o resto -preveniui o Doutor, Não faltaria quem relacionasse o desaparecimento de Silvino com o das jóias do museu, chegariam zunzuns a ouvidos a bufos, o descuido é a morte do artista, daí a nada, tau!, a Polícia deixava de sonhar com a quadrilha internacional para se atirar a uma nacional, autêntica, genuína, a de Renato, o Pacífico, agora desfalcada de Adelaide Magrinha, levada nas asas do romance, e de Silvino Bitoque, traidor sem perdão.

Recomeçaram as buscas ao alvorecer, reunindo-se na Praça da Ribeira e daí partindo à devassa da cidade.

Viagem sem rumo ao sabor da maré.

Cruzaram o Cais do Sodré, os bares a dormir na ressaca da noite, a guerra fechada, terra de ninguém, seguiram à Rua do Arsenal, entraram em tasquinhos a matar-o-bicho, ginja com elas, andaram pelo porto vendo navios e gaivotas em terra, até à Torre de Belém foram espreitar, voltaram a Alcântara chegaram à Tapada, desceram e subiram ao Bairro da Bica, a Calçada do Combro, o Conde Barão, pesquisaram a Lapa, depois Madragoa, Rua do Machadinho, Travessa do Pé-de-Ferro, Travessa das Isabéis, muito atravessaram e estavam na Estrela, que boa estrela se lhes desse Silvino, sorte malvada, também não o viram em Campo de Ourique, em Campolide mais passos em vão, tinham fome e fadiga, o sol ia a pino.

Comeram à pressa, baixaram ao Rato, Príncipe Real sem cara de jóias, no Largo de São Roque um sobressalto, parecia o Silvino mas era outro gajo, esquinas e tascas do Bairro Alto, Chiado a baixo até ao Rossio, em algum lado há-de estar” animava Renato, não estava na Graça nem no Castelo, não o encontraram na Penha de França, Almirante Reis não o vira passar, nem o Intendente tinha notícias, na Mouraria o mesmo fado, galgaram ao Torel de tristes memórias, na Rua das Pretas eram cinco horas, quase seis no Conde Redondo.

Caminhavam exaustos e baixaram os olhos ao verem um polícia parado na rua. “Não se desmanchem”, disse Renato.

Ninguém se desmanchou nem deu parte de fraco, passaram juntinho sem ligar ao polícia, na bruta calma-calma por fora, cagaço por dentro.

Dez metros andados estacou o Doutor.-

“Esperem lá! Era o Silvino!...”

Estacaram todos:

“O Silvino?! Onde?...”

“ Ali, ali atrás. Vestido de polícia!

Deram meia volta como se tivessem molas, era mesmo o Silvino fardado a preceito, com um saco de plástico debaixo do braço, uma fortuna sob o sovaco, mirando de soslaio a ver se o não viam, assobiando baixinho a armar aos cucos, o grande patife!

Olharam-se nos olhos um instante só, Silvino deu um salto e sprintou rua a baixo, os outros arrancaram na perseguição, Marlene descalça, o Doutor bufando, as pessoas paravam mudas de pasmo, está tudo maluco nesta Lisboa, olha aqueles correndo atrás de um polícia.

“Agarra que é ladrão”, ainda disse Pedro, mas Renato calou-o com um sopapo, em Santa Marta estava o Teófilo Careca, só viu Renato e seu bando perseguindo um guarda, comoveu-se tanto que se borrou todo, um transeunte limpou os óculos, “ai que'tou a ver o filme ao contrário. “

Na Alexandre Herculano pintaram a manta, Silvino fez fintas no meio do trânsito, automóveis paravam chiando os travões, dobraram a esquina para a Avenida, tudo fiou ainda mais fino, três carros ficaram num feixe porque os condutores estavam a ver a corrida, depois os condutores enfeixaram-se também discutindo o caso, veio um polícia e tomou conta da ocorrência, Silvino levava trinta metros de avanço.

Chegado ao Marquês virou à direita, ataca a Duque de Loulé a velocidade de coelho, cá atrás Marlene rebenta, Pedro baba-se e dói-lhe a barriga, o Doutor anuncia que se avizinha o peido-mestre, Renato incita-os e fala de vitória, “coragem, coragem, é mais um bocadinho”, há gente nos passeios de boca aberta, outros também não percebem mas batem palmas, o fugitivo vai com quarenta metros - ah, pelotão, que já não o agarras!

Correm ainda mas Arnaldo chora, “ai minha mãezinha que o tipo foge”, Renato grita “dá cá a pistola! “, todos se espantam, ninguém acredita, grande surpresa, ora uma destas!, Renato, o Pacífico, de fusca na mão, ele que tremia de ver uma arma, navalha que fosse quanto mais pistola, ficava pálido de meter dó, falava de agoiros e de tragédias, e hei-lo agora a pedir a arma, só faltava vê-lo a desatar aos tiros.

“Toma lá! “ Renato pára e faz pontaria, olho semicerrado, a mão sem tremer, Silvino espinoteia com uma bala no traseiro, mergulha com o saco nos braços de dois polícias, polícias de verdade que dobravam a esquina e dão com um tipo a baleiar uma farda, sacam os revólveres, piscam os olhos, artilharia em guerra, o fim do mundo na Duque de Loulé.

A última bala encontrou Renato, escondeu-se-lhe no peito, do lado esquerdo, caiu sem um grito, quem gritou foi Marlene, tombando a seu lado - mortos os dois.

Um mundo de gente juntou-se à volta, formando uma roda como no circo.

O relatório da autópsia disse depois que Marlene morreu de ataque cardíaco. Nada mais falso, mas desculpem-se os médicos porque não conheceram Marlene e Renato. O que aconteceu -conta a malandragem escondida pelos alçapões da noite no forro da cidade - foi que Marlene morreu também de um tiro, que lhe acertou em cheio no coração do seu homem.

Assim é que foi, porque assim tinham jurado - para a vida e para a morte - era o destino.

Na manhã do outro dia, Flávio, o Doutor, Pedro justiceiro e Arnaldo Figurante, trajando de luto, tomavam café e comiam bolos ao sol de uma esplanada, após terem lido os relatos dos acontecimentos.

“Andam à nossa procura. Se calhar vamos ser apanhados”, disse Flávio, e recostou-se comodamente, voltado para o sol.

Pedro folheou um jornal até encontrar as palavras cruzadas, enquanto Arnaldo mastigava mais um bolo de chocolate.

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.
Se quiser outros títulos nos procure http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>